



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Partindo de duas narrativas de participantes ciganos:

Atrás de um grande homem está sempre uma grande mulher

MARTINHO ANJOS VAN ZELLER PALHA N°19723

Coordenador de Seminário e Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Maria Emília Marques

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA- Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica.

Agradecimentos

A dissertação representa também o encerramento de um ciclo, por isso há gente a quem não posso deixar de agradecer.

Começo pelo principio. Começo pela família. Obrigado pelo apoio incondicional. Quando decidi começar este curso, a resposta foi positiva e sem pestanejar. A vossa decisão foi, desde o primeiro segundo, apoiar a minha decisão. Obrigado por isso e por tudo o mais que me deram até hoje.

Não posso não agradecer alguns professores que fizeram parte do meu percurso no ISPA. Obrigado Professor António Gonzalez e Professora Paula Ponce Leão por me deixarem pensar e me terem ajudado a fazê-lo.

Obrigado Professor Pedro Aleixo por me ter aberto as portas do mundo da psicanálise.

Muito e muito obrigado Professor Luís Silva Pereira, por ser quem e como é. Por ser dos melhores professores que tive e das melhores pessoas que conheço. Graças a si, vi no factor cultura, um maravilhoso mundo novo.

Obrigado Professor Luís Delgado por me ter aguçado a sensibilidade clínica. Obrigado pelo apoio e amizade.

Obrigado Professora Maria Emília Marques. Obrigado por tudo. Pela disponibilidade. Obrigado pela paciência. Obrigado pelo elogio, mas principalmente pela critica. Obrigado por não nos deixar cair na lógica corrente e por me exigir, acima de qualquer coisa, que pense.

Obrigado aos meus amigos. Todos. Obrigado Zé, Francis, Chica, Sérgio, Patrícia, Nessa. Sem vocês não teria conseguido. Mesmo. Sem o vosso apoio, provavelmente teria desistido a meio. Se não me tivessem puxado, provavelmente teria baixado os braços. Obrigado, muito muito obrigado.

Obrigado Bola. Por existires. Por seres quem és. Não tenho palavras suficientes para te agradecer. Foste tão importante que até tens direito a um parágrafo só teu.

Obrigado ao ISPA por estes 5 anos. Nem sempre nos demos bem, mas tenho muito orgulho em dizer que aqui pertenço. Obrigado.

Resumo

Neste estudo, lança-se o olhar sobre a etnia cigana. Recorre-se ao Método das Narrativas de Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000) para aceder ao sujeito, entendido como psicológico. Através da realização de uma entrevista a um homem (Rui) e a uma mulher (Sara), ambos de etnia cigana, procede-se a uma análise detalhada da narrativa produzida, através dos pressupostos teóricos da metodologia utilizada. Destacam-se, enquanto temas centrais das entrevistas, os temas da identidade e representações do masculino e feminino. Relativamente a Rui, destaca-se o conflito entre passado e presente, cigano e branco, e eu e o grupo. No que concerne a Sara, revela-se um conflito superegóico, entre o interdito e o permitido. Finalmente, destacam-se os temas comuns a ambos. A figura masculina aparece em ambas as entrevistas como a forma, o poder e a lei, sendo este um poder, até certo ponto, vazio. A figura feminina revela-se como a figura que dá conteúdo a este homem vazio. Aparece, também, uma identidade étnica, um traço, embora estando relacionada com a história de cada um, que os dois entendem como característica da etnia e, conseqüentemente, também suas. Rui destaca a seriedade e união, enquanto que Sara, para além da união, destaca a fidelidade.

Palavras-chave: Etnia cigana; Identidade; Representação da figura masculina; Representação da figura feminina; Identidade étnica.

Abstract

In this study, we take a look upon the gypsy culture. We use the Free association Narrative Interview (Hollway & Jefferson, 2000) to reach the subject, understood as psychological. Through an interview made to a man (Rui) and a woman (Sara), both belonging to the gypsy culture, we analyse, in detail, the produced narratives, using the theoretical assumptions of the used methodology. About Rui, we can see a clear conflict between past and present, gypsy and non gypsy, me and the group. In Sara, we notice a superego conflict between what is forbidden and what is allowed. Finally, there are common themes, between the two of them. The masculine figure appears as the law and the power but this power is somehow empty. The feminine figure appears as the one who, in a way, fills this empty man, giving him content. Also, we notice a sense of ethnic identity. A trait, although a little different between man and woman and obviously having relation with each history, that both of them feel like a characteristic of their culture and, in consequence, of them. Rui emphasizes seriousness and union, and Sara, besides the union, emphasizes loyalty.

Key-words: Gypsy culture; Identity; Representation of the male figure; Representation of the female figure; Ethnic Identity

Índice

1- Introdução	1
2- Método	6
2.1- Tipo de estudo	6
2.2- Instrumento	7
2.3- Participantes	8
2.4- Procedimento de recolha das entrevistas	9
2.5- Procedimento de análise das entrevistas	10
3- Análise das entrevistas	11
3.1- Rui - 49 anos	11
3.2- Sara – 29 anos	18
4- Análise dos Grandes Temas	25
4.1- Rui	25
4.2- Sara	32
5- Análise dos temas comuns	38
5.1- Masculino vs. Feminino/ Paterno vs. Materno	38
5.2- Identidade	39
6- Considerações Finais	41
7 – Referências Bibliográficas	42
8 – Anexos	44

1 – Introdução

“Conhece-me antes de me odiar”

Provérbio Somali

É importante começar por referir as razões que levaram a que este estudo fosse realizado. Tudo começa num incómodo com a ideia largamente difundida de que, “Os ciganos são maus”. Quando pensei seriamente sobre esta frase, concluí que simplesmente não era possível que fosse verdade. Nem todos os ciganos serão maus nem sequer acreditei que sejam estatisticamente falando, mais maus do que os não ciganos.

Este incómodo levou-me a querer conhecer a cultura cigana, até para provar a mim próprio e aos outros, que os estereótipos tinham pouco fundo de verdade. O primeiro passo foi procurar produções sobre a etnia cigana e descobri pouco.

É importante começar por referir o conceito de etnicidade. As concepções teóricas acerca deste conceito são múltiplas. Centremo-nos em duas definições que nos parecem complementares e suficientes para que se possa, neste estudo, conceptualizar o termo etnia. Fernandes (1995, cit. por Mendes, 2005) afirma que um grupo étnico é marcado por alguns traços que o diferenciam do resto da população, sendo possuidor de uma cultura própria, uma religião específica e, muitas vezes, é possível identificar um grupo étnico pelos seus traços fisionómicos. Estas especificidades fazem com que o grupo viva à parte, com o seu sistema de relações sociais e vivências culturais. Mendes (2005) refere, ainda, que as relações de solidariedade asseguram a continuidade do grupo e, através do desenvolvimento de símbolos e mitos, garantem aos seus membros a convicção de pertença a um só povo.

Sobre a etnia cigana em Portugal, pouco se sabe. Mesmo em termos de população, os dados estão longe de ser consensuais. Após a análise de vários estudos, estima-se que existam entre 20000 e 100000 ciganos portugueses (Mendes, Magano & Candeias, 2014).

Segundo Costa (1993), a etnia cigana é originária da Índia e dispersou entre os séculos IX e XIV, sendo que os primeiros registos da sua presença em Portugal remontam ao Século XVI e os testemunhos relatam apenas perseguições, interdições e massacres (Castro, 1995). Tradicionalmente nómada, a etnia cigana, não criou, no passado, grandes problemas com as populações. Os problemas maiores começaram a surgir com a tendência recente para a sedentarização, voluntária, ou forçada, sobretudo nas zonas periféricas dos meios urbanos, onde, em determinados momentos, foi possível sobreviver de um modo mais fácil devido à proximidade de um maior número de locais disponíveis para desenvolver a venda ambulante e a prática da mendicidade (Mendes, Magano & Candeias, 2014).

Esta etnia, para além de traços físicos específicos como a fisionomia, o modo como se vestem e a forma de falar (Mendes, Magano & Candeias, 2014), caracteriza-se especialmente pela partilha e manutenção de traços socioculturais particulares (Castro, 1995).

Quanto à sua língua, o romani, cuja origem data do século XVIII, sofreu várias influências das línguas faladas por países por onde foram passando. O dialecto caló é o mais falado na península ibérica, assimila, também, palavras do castelhano, catalão e português. A língua tem uma grande importância para a etnia cigana, segundo Liégeois (1989, pp. 45) , *“Uma última função da língua é, para o cigano ou o itinerante, poder demarcar-se do meio estrangeiro que o rodeia, não sendo por este compreendido, o que provoca simultaneamente um sentimento de orgulho e de superioridade (uma vez que ele compreende a fala do outro) e a sensação, por meio de uma linguagem secreta, de uma protecção social”*.

Relativamente aos traços socioculturais, a comunidade cigana reconhece-se como um grupo distinto e distinguido por outros ciganos. Os ciganos são conhecidos como “chabotos”, “beirões” ou “ciganos portugueses” e “ciganos espanhóis” ou “gitanos”. A constatação desta distinção entre ciganos, revela-nos a existência de diferentes grupos na mesma etnia. Não deixa de ser interessante o facto de cada grupo cigano ou mesmo cada pessoa cigana, considerarem que eles são mais ciganos do que os outros. A identificação como cigano é apresentada com orgulho, mas os “outros não são” ou “são menos ciganos”. Não querem ser confundidos uns com os outros (Mendes, Magano & Candeias, 2014).

No que se refere à família, os casamentos ciganos e as uniões acontecem em idades muito precoces, quando comparados com as pessoas não ciganas, casando-se normalmente entre os 13 e os 15 anos. Continua a ser dado grande valor ao “casamento cigano”, embora se comece a ouvir relatos sobre casos de uniões entre ciganos e não ciganos e de muitos jovens que já escolherem o seu companheiro, muitas das vezes pela via da “fuga”. Cada família tem, em média, entre 3 a 4 filhos (Mendes, Magano & Candeias, 2014).

Por não disporem de outros espaços de habitação, mas também por questões culturais de tradição cigana, os casais jovens acabam por permanecer durante muito tempo em casa dos pais levando a que, desta forma se constituam famílias alargadas, coexistindo na mesma habitação várias gerações (Mendes, Magano & Candeias, 2014).

O conceito de identidade étnica surge com grande relevância, pela forma de estar no mundo e constituição de referências, tendo levado a uma incomunicabilidade, factor que leva a esta mútua exclusão na sociedade portuguesa (Castro, 1995). Esta exclusão traduz-se em fracas condições de habitação, taxas de alfabetização muito baixa, marginalização no mercado de trabalho, segregação social e cultural, estereótipos e discriminação social de que frequentemente são alvos, sendo mesmo a etnia sobre a qual recaem mais estereótipos negativos.

A sua organização social rege-se por grupos que podem ser fruto de separações geográficas, um ascendente comum ou um ofício comum, havendo uma relação dinâmica entre os grupos e, apesar de se verificar uma luta de influências, uma cooperação constante (Costa, 1993).

Na estrutura cigana, o individuo, como tal, não é reconhecido, sendo reconhecido enquanto membro de um grupo e será reconhecido em função do grupo a que pertence. Os homens são mais respeitados pela sua idade, por terem uma família numerosa, e ter sorte e talento para os negócios (Costa, 1993). O homem é o detentor do prestígio faz negócios e procura trabalho e mantém laços sociais. A mulher cabe a subsistência da casa e educação dos filhos até ao casamento, conservação de tradições e é agente de mudança (Costa, 1993).

A idade e o género são de grande importância na estrutura das relações familiares e de parentesco, sendo os direitos, deveres, regras de conduta e valores morais do grupo, condicionados por estes critérios. A autoridade vai do mais velho ao mais novo e do homem à mulher. A autoridade deriva da experiência da idade. A sabedoria é, portanto, consequência directa da experiência de vida. São os chamados “tios”, homens a partir dos 40 anos, que resolvem conflitos e arbitram conflitos e socorrem e protegem os parentes. O “tio” é o depositário da “lei cigana”, conhecendo-a em profundidade sendo a base da sua decisão. A idade não é, porém, necessariamente, significado de autoridade já que em casos de desprestígio grave ou grande fraqueza da linhagem não serão apelidados de “tios” (Mendes, 2005).

A família conjugal não tem grande relevância, sendo a família alargada de grande destaque pela sua solidariedade, e a unidade base da organização social (Costa, 1993).

Refere-se, ainda, a solidariedade grupal. As redes de solidariedade revelam-se mais fortes em situações de luto, doença, desavenças, casamentos, pancadarias, prisão e insolvência económica, por esta ordem de importância de geográfica entre os membros do grupo e este apoio traduz-se em ajuda financeira, géneros, apoio moral e de força física e armas (Mendes, 2005).

O normadismo, característico desta etnia, é parte da sua forma de viver, patente, por exemplo, pelo exercício de actividades que exigem mobilidade, pela sua vida social, expulsão e desalojamento (Costa, 1993).

É através da vincada exclusão social que esta etnia conseguiu preservar durante estes cinco séculos a sua cultura e modo de vida, quase sempre à margem da sociedade, nomeadamente no mercado de trabalho, em que preferem manter actividades económicas que lhes permitam ter os seus próprios horários, como a venda ambulante, fora do mercado de trabalho dito comum. Desta forma vão preservando a sua cultura e mantendo a sua identidade étnica e cultural. (Magano & Silva, 2000).

Pelos dados que se apresentam, é possível verificar que, na realidade, sabe-se, acerca desta etnia, os traços gerais e os comportamentos e formas de vida aparentes mas pouco se sabe sobre os significados e representações, dos papéis masculinos e

femininos e até da identidade de cada um. Proponho-me, por isso, estudar a família cigana, a representação do masculino e do feminino e as respectivas questões identitárias.

2 – Método

2.1 – Tipo de Estudo

Na realização deste estudo, optou-se por utilizar uma metodologia qualitativa. A metodologia qualitativa aparece como alternativa ao quantitativo, prevalente nas ciências sociais, constituindo uma forma de acesso a dimensões inacessíveis ao uso pelo uso do método prevalente. Diz Rey (2002), *”... a ciência não é só racionalidade, é subjectividade em tudo o que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo de vida humana, que se realiza através de sujeitos individuais...”* . A metodologia qualitativa permite realizar o estudo da subjectividade, subjectividade esta, que é produto e constituinte da cultura.

Na pesquisa quantitativa, correlacional, deixa-se de parte a condição subjectiva e pensante inerente ao ser humano, para dar lugar a resultados matematicamente válidos e com resultados objectivos e estatisticamente mensuráveis (Rey, 2002).

A metodologia qualitativa assenta em vários princípios fundamentais. Em primeiro lugar, assume o conhecimento enquanto produção construtiva-interpretativa, ou seja, o conhecimento tem que ser contextualizado no sujeito em estudo. Também o carácter interativo do processo de produção de conhecimento é tido em conta, o que significa que a relação entre pesquisador e pesquisado é tida como elemento essencial da produção de conhecimento. Finalmente, a significação da singularidade como nível legítimo da produção de conhecimento. Quer isto dizer que a singularidade do individuo é respeitada por fazer parte da sua história de constituição subjectiva (Rey, 2002).

2.2 - Instrumento

Na presente investigação vai-se, exactamente, em busca da subjectividade e significados singulares, através da história do individuo. Neste sentido, optou-se por escolher o Método das Narrativas de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview) desenvolvido por Hollway e Jefferson (2000).

O método FANI assume entrevistador e entrevistado como sujeitos defendidos e que produzem significados. Implica, isto, que os entrevistados podem não atribuir os mesmos significados, às questões, que o entrevistador; tendem a proteger aspectos para si mais vulneráveis; podem não saber o porquê de sentirem o que sentem e que tendem, inconscientemente, a disfarçar o significado de alguns sentimentos e acções (Hollway & Jefferson, 2000).

Este método consiste na aplicação de questões abertas com o principal propósito de encorajar os sujeitos entrevistados a narrar eventos da sua história., orientado pelo princípio psicanalítico da associação livre. O princípio da associação livre prende-se com o significado emocional, muitas vezes inconsciente, que se encontra nas ligações entre uma ideia e a seguinte, produzidas no âmbito de uma relação específica com o ouvinte. Assim, é através da relação intersubjectiva, estabelecida no contexto da entrevista, que surge a narrativa e se procura aceder a uma compreensão da subjectividade do sujeito.

O entrevistador deve ser neutro, não trazendo nada de si à entrevista, nem sequer expectativas, para que não corra o risco de as tentar confirmar ou infirmar. As suas questões devem ser abertas, para que se abra espaço à subjectividade do sujeito, devem ser extraídas histórias, a pergunta, “Porquê?”, apesar de intuitiva, deve ser evitada e as perguntas subsequentes devem ser a respeito do que foi dito, mesmo as expressões usadas pelo entrevistado (Hollway & Jefferson, 2000). As intervenções do entrevistador são, assim, num primeiro momento introduzir o tema que quer investigar. A partir deste momento, todas as outras intervenções são no sentido de clarificar ou aprofundar o que foi dito pelo entrevistado.

No presente estudo, a questão inicial foi, “Conte-me sobre a sua família...”, tendo todas as questões subsequentes sido no sentido de clarificar e explicitar o que havia sido dito pelo entrevistado.

Após a recolha das entrevistas, procede-se à análise destas, análise esta, que é realizada em grupo. Refere-se que este grupo conta com a orientação e supervisão do Orientador de Dissertação.

A análise das entrevistas tem como objectivo interpretar o discurso do entrevistado, com as suas associações, problemáticas, significados, inconsistências, conflitos e evitamentos, tendo em conta o próprio indivíduo, ou seja, não esquecendo a sua história e subjectividade. Procura-se, ainda, o não dito, ou seja, o conteúdo latente do discurso, para que se possa, dentro das limitações que uma entrevista única tem, pensar, em profundidade, o sujeito e os seus significados.

2.3 - Participantes

Rui (nome fictício) é um homem de etnia cigana, português, de 49 anos de idade à data da entrevista. Filho de pais separados, Rui viveu com a sua mãe e um homem branco (quando se diz branco, significa que não é de etnia cigana. Escolheu-se este termo já que foi o mais comumente utilizado quando os entrevistados se referiam ao entrevistador) até aos 11 anos de idade. Mudou-se para Lisboa, para viver com o seu pai, onde viveu até aos 15 anos de idade. Com 15 anos voltou para casa da mãe, onde viveu até aos 20 anos de idade tendo, nessa altura, voltado para Lisboa, onde vive até hoje. Refere-se, ainda, que Rui é casado, pai de 8 filhos e avô de 13 netos.

Sara (nome fictício) é uma mulher de etnia cigana, portuguesa, de 29 anos de idade. Vive e viveu sempre em Lisboa. Tem uma filha. Relativamente à sua história, destaca-se o facto de o seu pai ter falecido quando Sara tinha 10 anos de idade.

2.4 - Procedimento de recolha das entrevistas

Para a recolha de entrevistas, comecei por procurar associações que estivessem ligadas à etnia cigana. Entrei em contacto com a Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos que, posteriormente, me encaminharam para o Centro MAJARI. O Centro MAJARI entrou, então, em contacto com as duas pessoas de etnia cigana que foram entrevistadas.

As entrevistas decorreram numa pequena sala, disponibilizada pela coordenadora do centro. Após o encontro com os entrevistados, explicou-se qual o propósito da entrevista e pediu-se autorização para fazer a gravação da entrevista, garantindo que esta apenas serviria para o propósito da transcrição, que seria apenas ouvida pelo entrevistador e que, depois de transcrita a entrevista, a gravação seria eliminada e a confidencialidade garantida.

Obtida a autorização por parte dos entrevistados, iniciaram-se as entrevistas, que tiveram uma duração de cerca de 45 minutos cada.

Relativamente à forma como decorreram as entrevistas, refere-se que tanto uma como outra decorreram de forma bastante semelhante. No início da entrevista, tanto um como o outro se mostraram um tanto reservados, sendo a primeira resposta bastante curta. Mostraram-se, no início da entrevista, algo reservados e desconfiados de quais seriam as intenções do entrevistador. O entrevistador reformulou a pergunta feita inicialmente, de forma a que ficasse claro que se procurava e pedia a história e subjectividade dos entrevistados. A partir do momento em que compreenderam o que estava a ser pedido, ambos aderiram extremamente bem à entrevista, tendo decorrido fluidamente e naturalmente. Refere-se que ambos foram de extrema simpatia para com o entrevistador demonstrando interesse em cooperar no estudo que se está a realizar. No final das entrevistas agradeceu-se aos participantes a sua cooperação no estudo.

2.5 - Procedimento de análise das entrevistas

As entrevistas foram transcritas na íntegra (Anexos I e II) e analisadas segundo o método de associação livre (Hollway & Jefferson, 2000).

Depois de transcritas, as entrevistas foram analisadas em duas sessões, num grupo constituído pela orientadora de dissertação, o entrevistador e três alunos, na primeira sessão, e dois alunos na segunda sessão. Nesta análise, o entrevistador leu a transcrição da entrevista em voz alta e os participantes interferiram de uma forma livre, sempre que sentiam algo na entrevista que se destacasse, tendo em conta o porquê e para quê que notavam o que notavam.

Posteriormente, o material analisado em grupo foi organizado, com os seus significados e os grandes temas, de cada um e comuns aos dois, foram destacados e analisados, fazendo-se, apenas no final, uma ligação com referências bibliográficas para que se possa sustentar o que foi analisado.

3 - Análise das entrevistas

3.1 - Rui - 49 anos

Quando questionado acerca da sua família, Rui começa por referir o seu número de filhos e netos. Refere logo após isto, que, “... *sou sério e sou de família.*”. Relativamente a esta frase, pode-se pensar que esta seriedade em ser da família poder estar relacionado com papéis desempenhados na sua família durante o seu desenvolvimento. Segue, sugerindo que o é, “*Enquanto os meus filhos que estiverem cá em casa, principalmente os mais crescidos, o permitirem...*”. Surge aqui uma interrogação sobre o seu futuro, mostrando não saber se terá ou não lugar na família, uma vez que todos os filhos saiam de casa. Esta interrogação remete-nos para uma comparação com uma alcateia de leões. Quando o líder da alcateia, o macho alfa, envelhece, um leão mais novo combate com ele e, se o velho perder, tem que abandonar o grupo. Parece ser esta a interrogação em Rui. Parece existir um receio de que os seus filhos ocupem o seu lugar e, de certa forma, o expulsem do grupo.

Destaca, depois, a sua principal função, que é a protecção das crianças. Faz aqui uma separação entre rapazes e raparigas. Relativamente às raparigas, demonstra uma protecção e preocupação que não se verifica nos homens, afirmando que, “... *a maior preocupação que um pai pode ter é as raparigas solteiras.*”. Já no que se refere aos homens, aparece aqui uma dificuldade em se posicionar relativamente a eles. Parece que Rui não sabe dos homens, limitando-se a afirmar, “*que estão sob a nossa alçada enquanto são solteiros. Depois de casados...*”. Depois de casados os filhos, Rui deixa de saber a sua função. Parece, até aqui, relativamente à sua função enquanto pai, que enquanto a sua preocupação é oposta entre homens e mulheres. A sua maior preocupação nas mulheres é quando são solteiras, enquanto que nos homens é quando são casados.

Fica também claro quem é que tem o lugar garantido, não sendo sequer posto em causa. Segundo Rui, “*Quem governa a casa, sinceramente é a minha Maria...*”. O lugar do feminino fica assim claro e é garantido apesar de o entrevistado fazer, depois, um regresso à tradição de forma um pouco atabalhoada quando afirma que,

apesar de ser a “*Maria*” a tomar decisões, tenta também colocar-se dentro da dinâmica afirmando que, “... *certas decisões são tomadas por mim.*”. Vai parecendo que Rui não sabe, de facto, o seu lugar e o seu papel defendendo-se na tradição e em algo que, “... *está enraizado em nós*”. Apesar de contraditório em relação ao que havia dito anteriormente, Rui afirma que, “*A menina só responde caso eu não esteja.*”. Este movimento pode dever-se ao facto de sentir não ter papel, garantindo-se pelo que é suposto ou o que é norma na etnia cigana.

Volta, então, atrás, à referencia que tem da tradição, ou seja, os, “*ascendentes*”, já que no tema da descendência perdeu-se. Refere o pai que, “*já não cá está...*” e a mãe que, “... *é como se cá não estivesse porque eu já não tenho idade para ter alguém acima de mim...*”. Rui faz, portanto, uma anulação, destacando-lhe um lugar que é o de não ter lugar nenhum. Dá uma vida à mãe para lha retirar logo de seguida. Em relação aos mais velhos, destaca os tios de quem diz ter, “... *um certo respeito.*”. Refere ainda que, “*Nos ciganos a idade é mesmo um posto.*” não sendo, porém, capaz de elaborar qual o conteúdo deste posto.

Aparece, depois, uma reticência em abordar a sua infância quando diz, “*A minha infância é uma parte que não acho que queira aí na sua tese*”. Revela, entretanto, não saber bem onde pertence já que, “*Fui criado pela minha mãe, que é cigana, e depois por um homem que não era cigano*”. Fica, pela primeira vez à vista que Rui não sabe do homem cigano já que não foi educado por um.

Sobre o seu pai e o mundo dos ciganos, refere-os com um sentimento de rejeição. Diz que foi viver com a mãe quando os pais se separaram e quando Rui tinha 11 anos o pai o foi buscar para, “... *ser outra vez mandado fora...*”, referindo, assim, uma dupla rejeição, atribuindo o mesmo significado aos dois acontecimentos.

Acerca da sua volta a casa do pai refere o abandono que sentiu transformando-o em liberdade quando diz, “*Quem é que assumia o meu controlo? Eu...*”. Esta liberdade não é por ele bem vista e relativamente a ela mostra preocupação quando afirma, relativamente às crianças, “...*quando eles sentem-se mais libertados é que fazem os estragos.*”. Vê-se, assim, que a liberdade é vista como tendo consequências, relacionando-se, possivelmente, com a sua própria história.

Rui vem, depois, pedir mudança, mudança esta que passará, num primeiro momento, pela escolarização. Os mais velhos que o entrevistado pensa que, “... *os rapazes devem sair da escola para começar a fazer pela vida.*” mas, “ *Basicamente, o que faz falta é que daqui a 15/20 anos começar a haver bastantes licenciados, ciganos. A ver se isto muda.*”. A mudança seria também para que se fizessem ouvir e compreender porque, “*Temos as nossas tradições, temos, concordo. Algumas, para quem não for cigano, não faz sentido*”.

Peço-lhe para me falar destas tradições que não fariam sentido e o entrevistado responde com a protecção e vigia às mulheres que têm que casar, “*castas e puras*”. Também a confiança que os ciganos têm uns com os outros é referida, demonstrando um código de linguagem e conduta partilhado já que não é uma característica exclusivamente sua ou da sua família já que isto se verifica com, “... *um cigano do Alentejo, como do Algarve, como de onde for.*”. Aproveita, quando refere a confiança, para demonstrar o seu desconforto e até desconfiança em relação a mim, como quando diz, “... *se o senhor fosse cigano (...) já falava com outro à vontade.*”.

Refere, depois, que, “*A palavra do cigano é a bandeira dele.*” e que, “*Eu cumprir com a minha palavra, para mim é um orgulho.*”, revelando a importância da honestidade enquanto valor fundamental, para si. Continua no mesmo sentido elaborando esta ideia. Refere que, “... *os homens de leis, que é aqueles que nos resolvem os conflitos.*” têm que ter algumas características, das quais, “... *o mérito principal é nunca ser aldrabão, portanto, um homem sério.*”. Deste modo, é possível compreender que quem regula, na etnia cigana, é o honesto, sendo esta um valor fundamental e, para Rui, de maior destaque.

Depois de defendida a tradição e os valores ciganos, Rui refere a sua outra referência, a sua referência não cigana, vendo-se como um produto dos dois, ao dizer que, “*É preciso ver os dois lados. E... se eu tivesse que escolher (...) tinha que misturar as duas para ficar com a minha ideologia.*”. Verifica que esta união e partilha dos códigos, culturalmente, já começa a existir, quando refere que, “... *esta rapaziada nova de 20, 20 e poucos anos, até é uma maneira muito diferente de eles pensarem*”. Aparece, relativamente aos mais novos uma dúvida relativamente à nova forma de ser cigano porque, “ *Coisas que não fazíamos, que eu não fazia com a idade deles, que eles fazem. (...) Tanto para o bom como para o mau, depende do ponto de*

vista". Os mais novos são desvalorizados porque fazem coisas que Rui não faria, porque banalizam a tradição e, de certa forma pode ser visto como desrespeito. Por outro lado, o caminho passa por ser feito, "... *socializando (...) Ou aculturar ou como é que chamam. No fundo é misturar.*".

Consequência da mistura é que algo se perde. Uma das consequências é a perda da união que, "... *não devia ter acabado...*". A união aparece agora, como valor central. Nos tempos de hoje, nos tempos da mistura, "*Se houver um conflito, então aí há união. Agora, fora dos conflitos não há nada. É uma coisa que não devia ter acabado, que eu gostava.*". Se pensarmos nas influências, ciganas e brancas, que o entrevistado esteve sujeito e se pensarmos, em conjunto com isto, o passado da tradição e o presente da mistura, percebemos que está a falar de um lamento seu. Falamos de uma falta de união que sentiu e nos abandonos em que ninguém interveio. A razão que encontra para justificar o abandono prende-se com o facto de ele ser produto de uma mistura, algo que se verifica quando se interroga, "*Será pelo facto de termos sido um bocado socializados?*". Vamos compreendendo, pelo que vem dizendo, que a separação dos pais tem um significado maior do que aparenta. A separação significa uma ruptura cultural. Pode, então, ser essa a razão porque Rui retira existência à mãe, por ser a mãe que provocou a ruptura cultural.

Depois, Rui volta ao tema da união da família, aquela que poderá não ter sentido quando voltou para casa do pai. Acerca da união, refere que esta existia mas, "... *em comparação com há 30 anos já não é a mesma coisa.*". Quando refere a família nuclear, ou seja, pais e irmãos, diz que, sobre a ajuda, "... *isso continuamos, de certeza absoluta...*". Não deixa de ser curioso verificar que, quando se fala nesta continuidade na ajuda se encontra implícito que isto teria acontecido no passado mas, Rui havia dito anteriormente que tinha sido, "... *mandado fora...*" pelo seu pai e que a sua mãe tinha ficado com a mãe e com o novo marido. Pode-se, portanto, pensar que a regra e o valor da união se prende mais com as suas vivências e nem tanto como uma regra colectiva. Mesmo quando cria um exemplo com um dos seus filhos, diz que, "... *se tiver um filho em dificuldades e tenho outro que pode, que vai tirá-lo da dificuldade, vai.*". Neste exemplo, Rui nem é capaz de se pôr em equação ajudando um filho seu, podendo isto também ser visto como um reflexo do que não terá vivido e gostava e sentia que deveria acontecer. A única que consegue elaborar é a possibilidade de outro filho seu ajudar. Por outro lado, "...*os pais, é normal...*",

possivelmente porque foi esta a sua história, dizem, “*Estás a encostar-te a mim? Estás a viver às minhas custas? Não, não! Vai mas é trabalhar.*”. Há, assim, uma condensação de passado e presente. De um passado em que era de certa maneira mas que, simultaneamente, não aconteceu, e de um presente em que isso já não acontece mas que deveria acontecer.

Sobre a família e sobre a união reafirma o que vinha dizendo. Refere uma família alargada que ainda é real mas, “... *já não é conforme era há uns anos.*”. Uma vez mais percebemos em Rui uma confusão. O passado é visto como bom e parece que Rui viveu essa união e ajuda por parte da sua família, apesar de também ser claro o abandono que sentiu. Por outro lado e de forma a dar sentido ao que se passou com ele, Rui diz que, “*Isso por um lado é bom, a vida é assim, nós é que temos que nos adaptar, isso é lógico.*”. Salta à vista uma, também, falta de identidade por dois lados. Em primeiro lugar, porque fala na primeira pessoa do plural, o que significa uma colagem ao grupo. Para além disto, a forma como faz esta colagem ao grupo é simplesmente pela adaptação. Rui apenas se adapta ao que o grupo vai fazendo e para que consiga fazer parte, Rui tem que, “... *certas coisas, temos que deixar de fazê-las...*”.

Volta a referir esta ideia de adaptação afirmando que, “*Ou nos adaptamos ou temos que mudar.*”. Esta mudança, pelo que sabemos da sua história, pode também significar uma mudança geográfica e cultural. A consequência de uma não adaptação ao grupo é a expulsão do mundo cigano para voltar ao mundo da mistura em que nada se é. Por aqui se compreende a ausência de si e a colagem da sua identidade à acção do grupo.

Reconhece, depois, defeitos nos ciganos. Pela forma como são vistos, especificamente quando se ameaçam as crianças com, “*Olha que vem aí o cigano!*”. Aproveitando para afirmar, logo depois, “*Realmente, temos muita coisa para mudar, temos.*”. Daqui é possível destacar o reconhecimento de que os ciganos têm partes más. Se antes Rui destacava a honestidade e a seriedade dos ciganos, agora vem demonstrar que, por outro lado, os ciganos são maus. Quando refere as ameaças que se fazem às crianças, por parte dos seus pais, Rui atribui a culpa aos ciganos já que não diz que as mentalidades devem mudar ou que as atribuições de aldrabões e maus são infundadas, por outro lado, diz que são os ciganos que têm que mudar. Ainda

sobre o que disse relativamente acerca da necessidade de mudança, é também possível constatar que ele se vê enquanto estando dos dois lados. Verifica-se, uma vez mais que existe um eu cigano, mas também um eu branco.

De seguida refere a protecção à mulher, especificamente no casamento. Refere que, *“Só a rapariga é que pode desfazer o compromisso.”* e que, *“É o pai do noivo que marca tudo, mas se eles forem apanhados a namorar ou fugirem, passa para a mão do pai da noiva.”*. Por aqui, retira-se mais um dado interessante que é o facto de, quando falha a lei paterna, prevalecer a lei materna.

Rui continua o tema do feminino referindo a forma como a mulher e a mãe é protegida. Aqui, com o exemplo que dá, pode-se pôr a hipótese do que lhe terá acontecido, quando refere que, *“À mulher, só se pode tirar um filho quando a mãe é muito... (...) desde que uma mulher não tenha cometido adultério, ninguém pode tirar os filhos dessa mulher.”*. Recorde-se que o pai de Rui o foi buscar à mãe.

Deste tema, passa para os papéis, feminino e masculino. Sobre isto, refere que, *“... dentro de 4 paredes, quem manda é a mulher mas, cá para fora, quem tem que mandar é o homem (...) Os homens é que decidem. Mas muitas vezes o que é que acontece? O homem vai resolver e já vai com a cabeça cheia da mulher, já sabem o que é que têm e o que é que não têm que dizer.”*. Verifica-se, portanto, uma autoridade vazia. Ganha sentido a dificuldade que apareceu no início, relativamente às decisões a tomar pelo homem, que não se percebia muito bem quais eram. Os homens dão apenas a cara pelas decisões que as mulheres tomam. Os homens transmitem aos outros homens as decisões que as mulheres tomam.

Rui vem, de seguida tornar isto explícito. Diz, *“Quem governa a casa é a minha mulher, mas quem manda na minha mulher sou eu. Maneira de dizer. Isto é na teoria porque muitas das vezes quem manda é a mulher. Só que quem está em primeiro lugar é o homem.”*. Deduz-se, portanto, que a decisão é tomada, verdadeiramente pela mulher e o homem apenas dá a cara e mostra a decisão.

Em termos de papéis, percebemos que ao homem e ao pai pertence a lei e o nome, a parte visível, enquanto que à mulher e à mãe, sabe que tem um papel fundamental não sendo, porém, capaz de elaborar o conteúdo. Fica a sensação de que

o homem dá a forma e a mulher o conteúdo mas, simultaneamente, não há uma continuidade entre um e outro.

Finalmente, Rui aproxima os brancos e os ciganos, havendo apenas uma distância temporal que os separa porque, “... *isto é como com os que não são ciganos, há 30 ou 40 anos atrás. Só que estamos um bocadinho mais atrasados nesse aspecto.*”. O que separa brancos e ciganos é apenas o tempo e Rui afirma que apesar de não ser igual, a etnia cigana está a fazer caminho.

3.2 - Sara 29 anos

Quando questionada acerca da sua família, Sara começa por referir o lugar central que pertence ao masculino referindo o pai, já morto, mas a quem ela dá vida, “*Sobre a minha família... o meu pai já faleceu. ... fez 19 anos de morto*”. Sara mantém o pai em vida através da contabilização dos anos. O pai não morreu simplesmente. O pai fez e fará mais anos de morto, como se de uma segunda vida se tratasse. Mais adiante perceber-se-á a necessidade de manter esta referência paterna. Como começo de narrativa, e para dar forma ao conteúdo que aí viria, começa por referir o masculino, como que apresentando um quadro, começando pela moldura. Moldura esta que se vem a revelar vazia de conteúdo, metáfora usada durante a análise, que demonstra bem o masculino, tal como este aparece aqui.

Em seguida, Sara faz referência à família, fazendo uma demarcação, através das falhas, entre a sua família, dos bons, e o resto da etnia cigana, os maus, como quando diz, “*...lidar com esses ciganos, não quer dizer que eu tenho que pagar por eles...*”.

Mostra-se, então, reticente perante as minhas reais pretensões, devolvendo-me a pergunta da mesma forma que eu a tinha posto inicialmente, “*... você falar assim livremente...*”.

Em seguida, retoma o destaque à lei paterna e ao masculino enquanto figura central. Quando reformulei a pergunta que havia feito inicialmente, Sara começou por referir o pai e o esposo. Refere também o irmão mais velho enquanto figura mais importante, após a morte do seu pai. Relativamente a estas três figuras, Sara refere que, “*...devemos ter muito respeito ao homem*”. Aparece, então, o constrangimento por falar com um homem sozinha. A desconfiança que parecia existir perante a entrevista aparece, agora, como um constrangimento de estar perante um homem, sendo o contacto apenas possível pelo facto de não estar em sua casa, casa esta que pertence ao homem, como diz, “*...se for o senhor a ir à minha casa voe já não...posso falar consigo, não é?*”. A solução passaria pela presença de um homem, “*Tem que estar um homem em casa para estar, ao caso, na conversa*”.

Sara passa então, a definir a função do feminino, defendendo a exemplaridade da mulher quando afirma, *“Não faltar ao respeito ao marido... Não faltar com as regras da casa...Ter um bom comportamento para o marido, para os filhos, para educar os filhos.”*, atribuindo muito menos importância à função masculina, já que a põe de forma simplesmente recíproca, quando diz, *“E os maridos também conosco.”*.

A regra é, então, explicada através transgressão. Neste momento, Sara deixa de falar de como é a família e passa a falar do que se pode e não pode fazer. Deixa, então, claro que a regra é a fidelidade e que a transgressão sexual é considerada muito grave, como se pode verificar na expressão, *“...eu estou com o meu marido, eu não posso ter um namorado...Não! Isso já é uma falta de respeito muito grande para a família! Se acontecer algo disso na família nós semos excluídos.”*.

Sara define a fidelidade enquanto regra fundamental. Apesar de aparentemente estranha a passagem da transgressão, neste caso sexual, à regra para o tema da escolaridade, quando temos em conta que se trata de uma questão de fidelidade, compreendemos a lógica aqui presente. Com a morte do seu pai, Sara teve que sair da escola para tomar o lugar materno, já que a sua mãe, *“...andava no cemitério.”*. Sara não diz que a mãe ia ao cemitério, se o dissesse isto queria dizer que também voltava do cemitério. Dizendo que andava no cemitério, parece ficar dito que de lá não saía. Com a morte do seu pai, também a função materna morre, sendo assumida por Sara. De certa forma, a mãe acaba por ser desqualificada por ter sido infiel à sua família, deixando de estar presente ou de exercer a função materna que a si lhe competia. Apenas devido a este imperativo é que Sara não continuou a escolaridade, estando inclusive hoje em dia a retomá-la, encarando, inclusive, um futuro diferente para a filha, quando diz, *“Tenho muito respeito... a minha filha agora... a minha filha... agora já está mais evoluída. A minha filha de certeza que vai seguir a escola toda.”*, já que ela se pretende assegurar do papel materno, ao contrário da sua mãe.

Parece, também, que a casa e a escola têm significados independentes. O papel feminino não é posto em causa com a continuidade escolar. Se, por um lado, Sara propõe uma continuidade escolar para a filha, e isto é visto por ela como bom, por outro afirma, *“O meu orgulho foi aí. A minha mãe deu-me a responsabilidade de tratar de uma casa tão grande e dos meus irmãos e consegui.”*. Assim vê-se que não

se trata de escola versus casa, mas sim um passado em que os pais que precisaram de ajuda dos filhos, ajuda que ela conseguiu dar, e um presente em que os pais oferecem ajuda aos filhos, havendo assim uma continuidade ao que já tem feito. Uma vez mais, aparece a importância da fidelidade à família, que vai permitir uma série de aberturas e mudanças na tradição, desde que esta seja mantida.

Há uma clara separação entre passado e presente. Quando o passado é referido, este é normalmente à distancia de 20 anos, sensivelmente os mesmos que o seu pai morreu e a sua mãe ainda o era. Esta coincidência de factos, parece ter levado a, neste momento, uma indistinção entre homem e mulher, devido ao facto de ter perdido a referência paterna e materna em simultâneo.

Com a morte do pai a sua forma de ver o homem também muda, passando a estar tudo entregue às mulheres. Nas vezes em que o homem aparece durante a entrevista, normalmente aparece morto, como podemos verificar com o seu pai e no marido da prima que, “...foi baleado”.

Relativamente aos significados que, para Sara, são atribuídos ao passado e ao presente, verificamos um passado em que a mulher nada podia, como a mãe que, “...se fosse à loja sozinha já era contra a vontade do meu pai.”. No presente já tudo se pode. O presente é tido como abertura a tudo e é visto como mudança. Não que tenha, de facto, mudado assim tão significativamente, simplesmente, Sara vai arrançando forma de confirmar a abertura, para justificar que ela também a tenha, como se pode verificar quando diz, “Agora é mais jovem e querem evoluir cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais e acho bem.”. Relativamente ao casamento, por exemplo, dá dois exemplos de mudança, de ciganos que se casaram com brancos (não ciganos) e que, “...já não é tão doloroso para a família”. Estes exemplos vão dar força à mudança almejada por Sara. Esta mudança acaba por levar a uma onipotência, como quando diz que, “Se eu quiser casar com uma pessoa branca, eu posso...”.

Depois, aparece um conflito da sua reivindicação feminina com a regra de obediência masculina, quando diz, “Já aceitam o homem, se o homem der conta da mulher”, ou seja, pondo-se a si em primeiro lugar, passando depois a dizer, “...em primeiro lugar na raça cigana está o homem” e, finalmente, “...a minha filha é tudo para mim na vida”. Estabelece uma ordem sua, que se percebe através da inversão do

que ela diz, “*Primeiro o homem, depois os filhos e no fim a mulher.*”. Parece aqui, que para se chegar à mulher, como o objecto mais importante, tem que antes se passar pelo marido e os filhos. Chega mesmo a transparecer uma ausência de relação entre marido e mulher. Sara refere a existência de um marido, pai da sua filha, mas este nunca chega a ser elaborado, nunca é posto em relação com Sara. O pai apenas é posto em relação com os filhos, e é referido apenas pelo que não faz, como quando refere que, “*Você não tem um pai a tratar mal um filho...*”. Até como pai o homem aparece com um papel algo esvaziado de conteúdo. Fica sem se perceber o que é que o homem faz, apenas o que não faz. Deste facto, resta perceber se este se deve a uma dimensão cultural ou a uma falta de referência masculina, na entrevistada.

O movimento que Sara faz de seguida é o de restabelecer a ordem depois da transgressão e do caos provocado pelo facto de a entrevistada não saber bem o que está a transgredir. Neste momento, de forma a reorganizar-se, Sara volta a definir os papéis do homem e da mulher e à tradição dizendo que, “*O homem sai de manhã e trabalha para a mulher, mas a mulher faz os deveres da casa e faz os deveres dos filhos.*”.

Este conflito entre o homem que é dito tradicionalmente como o mais importante e o homem por ela sentido, vazio de conteúdo e cujas únicas funções são morrer e não tratar mal os seus, emergiu em mim contratransferencialmente, tendo-lhe eu devolvido, “*... até agora (...) o homem é muito importante*”.

A sua resposta a esta afirmação é de grande importância. Primeiro, afirma, tal como “pedido” por mim, que o pai era de grande importância porque, “*...fazia tudo por nós*”. Por outro lado, morreu. Quando Sara diz que, “*ele dava a vida pelos filhos*” a entrevistada desvaloriza o pai, cuja única função que teve em vida foi, “*...arranjar dinheiro para a comida*”, o que demonstra uma relação puramente monetária, já que ela nem chega a dizer que o pai arranjava comida, simplesmente arranjava dinheiro para que alguém fizesse tudo o resto.

Desvalorizando o papel masculino, Sara permite-se assim a desvalorizar a tradição cigana, como quando diz, “*Porquê rejeitar tanto a tradição cigana?*”.

Quase simultaneamente, acaba por convocar o facto de não conhecer nenhum homem que saiba da tradição cigana e pede, “*...um debate com um senhor grande.*”.

Refere o feminino, enquanto ruidoso e confuso porque, no caso da tia, a referência feminina que Sara escolhe para explicar a tradição cigana, “...*ela fala, fala, fala e ninguém lhe apanha*”. Este debate serviria, não para defender a etnia mas, para que Sara pudesse aprender e clarificar a tradição, cujos papéis não lhe são claros, ou que esta quer reivindicar. Verifica-se isto mesmo quando a entrevistada diz, “...*para os ciganos ficarem mais evoluídos*”.

Com a mensagem anterior, deixa transparecer a dificuldade em se saber quem é quando não se é ensinado. Faz, então, a transposição para uma retirada de existência sentida por ela enquanto cigana. Não chega a sequer se sentir excluída. A existência é lhe retirada, quando diz, “*Ser cigano não tenho direito como os outros*”. Sara não chega a afirmar que tem menos direitos ou que estes sejam diferentes. Quando diz que não tem direitos, não refere racismo, mas uma inexistência social.

Depois, Sara apercebe-se da presença da sua mãe na sala. Esteve a espreitar vários minutos. Aqui, de uma forma clara, percebe-se que quem age e regula a regra da fidelidade, referida no início da entrevista, é a mulher. Há uma vigilância às mulheres e esta vigilância é exercida pelas outras mulheres. Aparentemente, o homem também não exerce este papel.

Em seguida, Sara refere uma forma de comunicar diferente, nos ciganos, forma esta que é muitas vezes incompreendida, como quando afirma, “...*Conversas que não têm muita importância para vocês. Para nós vale muito*”. Quando afirma que, “*Para um branco, quando eu chegar lá fora vou-te matar!(...) para mim não tem valor, isso não quer dizer nada, vou-te matar(...)* É só uma expressão.”, deixa clara a diferença na forma de comunicar e deixa isto claro para que não seja mal compreendida. Consciente disto mesmo, adverte-me para não levar demasiado à letra o que vem dizendo.

Depois disto, a entrevistada muda de tema, voltando à família e a regra da fidelidade. Quando refere a sua mãe, diz que, “*A minha mãe nunca mais, há 19 anos, nunca mais teve um homem (...)* Se a minha mãe casasse com outro homem, ela não era bem-vinda a casa, era logo fora da família. (...) Não era mãe, não era cigana, não era nada. (...) Por isso é que eu gosto da tradição cigana. Somos rectos, somos fieis uns aos outros. ”. Aqui, aparece novamente a importância da fidelidade como regra prevalente. Verifica-se, também, que o vínculo vem de dentro e que o estranho,

qualquer que seja, quebra este vínculo. Isto não é de forma alguma incompatível com o que vem sendo dito. Fica claro que se pode começar uma família, inclusive com um branco, mas que, uma vez formada a família, já não se pode entrar a meio. O estranho pode construir uma família mas a família não é possível ser reconstruída já que o estranho quebra a confiança e solidariedade construídas anteriormente. De certa forma, o ausente nunca deixa realmente de o ser já que não é possível de ser substituído, como no exemplo que demos anteriormente do pai que “...fez 19 anos de morto”, o que significa que já não está na família mas até certo ponto, a sua existência mantém-se.

O preconceito de que a etnia cigana é alvo vem, segundo Sara, da ignorância relativamente às características boas como a honestidade e a fidelidade, que são regra na etnia cigana. Com a ignorância relativamente a estes princípios, retiram à etnia oportunidades e até, como foi dito anteriormente, a própria existência, como se percebe quando diz, “*Porque o cigano não tem oportunidade nenhuma e os brancos têm. Os brancos e qualquer outro que não seja cigano.*”.

A entrevistada retoma aos pais, atribuindo-lhes tanto de bom como de mau. Se por um lado, “... *eu sei agora tratar de uma casa, tratar do marido, tratar de uma filha, a alguém o devo. À minha mãe e ao meu pai, que me ensinaram a ser assim.*”, por outro, “... *não ter a escolaridade toda (...) Eu também acho uma pena, pronto!*”.

O pai e a mãe, nesta fase do discurso, aparecem sempre em conjunto, demonstrando uma confusão de papeis paterno e materno. Novamente, quando se refere à filha, diz que, “... *esse caminho, vou ensiná-lo à minha filha. O pai da minha filha vai ter que ensinar a ela...*”, o que demonstra não ser claro a quem pertence o quê. Pela confusão de papeis e esvaziamento do papel do homem que tem aparecido até agora, temos que nos interrogar se a confusão na transmissão será particular em Sara ou se, por outro lado, terá uma dimensão cultural. Verifica-se, igualmente, que não há, por parte de Sara, uma tentativa de se apropriar do papel do outro, mas sim, o facto de não ser explícito o que pertence a quem.

Quando peço que me explicita, a entrevistada tenta fazê-lo apesar da confusão dizendo que, “...*o pai tem que valorizar muito o homem, mais ao homem do que a menina e a mãe tem que valorizar a menina, mais ao homem*”. Percebe-se, assim, que a mulher transmite às filhas a respeitar e seguir o homem e que o homem transmite

aos filhos. O que é transmitido aos homens, isso saberão os homens, não ela. Quando lhe perguntei sobre a importância do homem, respondeu-me que, “*Quem saberá há-de ser o meu bisavô ou bisavó. Neste caso não estão cá. (...) Mas quem pode responder a essa pergunta, o meu avô.*”. Transparece que quem sabe dos homens são os outros homens não as mulheres. A mulher que refere que poderia saber dos homens já não existe, portanto, das mulheres é impossível saber sobre os homens.

Fica, assim, claro, que a sua reivindicação acontece no sentido de dar poder à mulher e não no sentido de que ele seja retirado ao homem. É pedido um lugar feminino, não o masculino. O masculino é, aliás, visto como vazio. Tem uma autoridade simbólica muito forte mas sem maturidade nem conteúdo.

4 - Análise dos Grandes temas

4.1 - Rui

Representação do paterno e do masculino

Relativamente ao masculino, Rui revela grandes dificuldades em se posicionar. É importante ter em conta a sua história para que se possa compreender melhor a dimensão das suas representações. Acerca do seu pai refere muito pouco mas principalmente refere-o como rejeitante. Diz que foi viver com a mãe quando os pais se separaram e quando Rui tinha 11 anos o pai o foi buscar para, “... *ser outra vez mandado fora...*”.

Por isto mesmo, propõe-se, enquanto pai, a ser o que o pai não foi. Sendo, por outro lado, incapaz de elaborar muito mais do que isto. Diz que, como pai, “... *sou sério e sou de família.*”. A sua função é ser pertencer ou não abandonar a família pelo menos enquanto sentir que a família precisa dele. Relativamente ao seu futuro, Rui demonstra não saber o papel que terá. Diz-se pai, “*Enquanto os meus filhos que estiverem cá em casa, principalmente os mais crescidos, o permitirem...*”. No mesmo sentido, ele é pai, “... *enquanto são solteiros. Depois de casados...*”. Depois de independentes, já não é possível saber o que o espera. Sabe que tem que existir, enquanto pai, sabe que tem que e que quer estar, mas deixa de saber o que é a partir do momento em que os filhos já não precisem de si. Revela-se, inclusive, um medo de que lhe seja retirado o lugar. Quando diz que é de família enquanto os filhos, “... *o permitirem...*”, parece que fala como se tratasse de uma alcateia de leões em que, quando o líder da alcateia, o macho alfa, envelhece, um leão mais novo combate com ele e, se o velho perder, tem que abandonar o grupo.

É clara a limitação da representação do paterno. Para além da ideia de não abandono, pouco mais é elaborado. Quando diz, “... *se tiver um filho em dificuldades e tenho outro que pode, que vai tirá-lo da dificuldade, vai.*”, fica patente a dificuldade que tem em elaborar uma relação com os filhos. Perante uma dificuldade de um filho, o pai aparece tão limitado que nem é capaz de pôr a hipótese de ser ele a ajudar o filho. Teria que ser outro que não ele.

Finalmente, refere-se a relação de Rui com os seus filhos. Diz, “...os pais, é normal...”, dizem, “*Estás a encostar-te a mim? Estás a viver às minhas custas? Não, não! Vai mas é trabalhar.*”. Tem-se revelado que Rui se refere enquanto homem e enquanto pai através da existência e pouco mais do que ela. Rui demonstra-se incapaz de elaborar muito mais do que isso. Quando se pensa a relação com os filhos, Rui, por desconhecimento da função paterna, recorre à lei cigana e à tradição, expressando-se através do que, normalmente, costuma ser feito.

Enquanto homem, Rui destaca a seriedade e honestidade. São estas as funções do homem. Destaca, “... os homens de leis, que é aqueles que nos resolvem os conflitos.” têm que ter algumas características, das quais, “... o mérito principal é nunca ser aldrabão, portanto, um homem sério.”. O homem tem como dever principal ser sério. É pela seriedade e idade, sobre a qual diz, “*Nos ciganos a idade é mesmo um posto.*”, que o homem é feito. É, para Rui, o que o homem é. Sério. Esta seriedade não pode nunca ser separada do que já havíamos visto anteriormente, de que é vista como existência. O homem sério é o homem que está presente e, pela idade, quanto mais tempo existe, mais importante é.

A seriedade vem sendo um tema recorrente e que é explorado ao longo da entrevista. Pode-se, então, pensar a seriedade como identificação negativa à figura paterna. Rui com este movimento, deixa transparecer uma falta de seriedade do pai, por tê-lo abandonado. O homem sério, é o homem que é de família e que não é aldrabão. O seu pai, ao o retirar Rui à mãe, demonstrou que o desejava, no entanto, não cumpriu, tendo-o deixado entregue a si próprio, como deixa transparecer quando afirma, “*Quem é que assumia o meu controlo? Eu...*”

No sentido de dar conteúdo, até a si próprio, Rui fala na decisão e na importância do homem. Sobre isto, diz, “... certas decisões são tomadas por mim. (...) A menina só responde caso eu não esteja. (...) cá para fora, quem tem que mandar é o homem (...) Os homens é que decidem.”. Tenta, aqui, garantir a importância do homem usando a tradição para o justificar ou, como diz, “... está enraizado em nós”.

Por outro lado, afirma, “*Mas muitas vezes o que é que acontece? O homem vai resolver e já vai com a cabeça cheia da mulher, já sabem o que é que têm e o que é que não têm que dizer (...) Quem governa a casa é a minha mulher, mas quem manda na minha mulher sou eu. Maneira de dizer. Isto é na teoria porque muitas das vezes*

quem manda é a mulher. Só que quem está em primeiro lugar é o homem.”. Assim, percebe-se o esvaziamento do homem. É-lhe dada muita importância e parece que é convencido de que é muito relevante e que toma decisões e manda em casa e na mulher mas, na realidade isso não acontece. O homem toma decisões com os outros homens mas as decisões já foram previamente tomadas pelas mulheres. Relativamente a isto, o homem faz lembrar um pombo correio. A mulher, que está em casa a tomar conta de si e dos outros, manda o homem levar decisões e regulações aos outros homens, que também levam decisões das suas mulheres.

Parece, por tudo isto, que o homem existe e é, de facto, muito importante que não deixe de existir, apesar de ser um objecto mais ou menos inanimado, enquanto que a mulher é tudo o resto. O homem é a forma, a lei, o nome.

Representação do materno e do feminino

A mulher, para Rui, tem o lugar garantido e consegue-o definir bem. À mulher pertence a casa. *“Quem governa a casa, sinceramente é a minha Maria (...) Quem governa a casa é a minha mulher, mas quem manda na minha mulher sou eu. Maneira de dizer. Isto é na teoria porque muitas das vezes quem manda é a mulher.”*. A mulher é, assim, valorizada por Rui. Para além disto, também é a mulher que dá conteúdo ao homem. O exemplo que utiliza é sobre as decisões, que são tomadas entre homens mas, *“... já vai com a cabeça cheia da mulher, já sabem o que é que têm e o que é que não têm que dizer.”*.

Tudo está entregue à mulher, inclusive os filhos. Sobre isso diz, *“À mulher, só se pode tirar um filho quando a mãe é muito... (...) desde que uma mulher não tenha cometido adultério, ninguém pode tirar os filhos dessa mulher.”*. A condição para que se tire um filho a uma mulher é uma situação limite. Com este exemplo que dá, pode-se pensar e compreender as razões por trás da culpabilização da mãe, movimento que faz algumas vezes durante a entrevista. Diz, sobre a infância, que *“Fui criado pela minha mãe, que é cigana, e depois por um homem que não era cigano”*. Também sobre ela diz, *“... é como se cá não estivesse porque eu já não tenho idade para ter alguém acima de mim...”*. Recordemo-nos que Rui veio viver com o pai. Tendo em conta o que disse sobre os filhos que não podem ser retirados à mulher, sem ser por adultério, podemos pensar que esse adultério foi cometido e que, devido ao facto de a

sua mãe não ter sido séria, a idade deixa de ser um factor relevante. A mãe é mais velha e a idade é um posto mas é apenas se for vivido com seriedade.

Identidade

Rui revela uma dificuldade em definir-se já que foi, “...*criado pela minha mãe, que é cigana, e depois por um homem que não era cigano*”, portanto, Rui é fruto de uma mistura, é um mestiço.

Rui vai-se posicionando enquanto branco e cigano alternadamente, como quando diz, “*É preciso ver os dois lados. E... se eu tivesse que escolher (...) tinha que misturar as duas para ficar com a minha ideologia.*”. Rui faz uma identificação com os mais novos, de quem diz, “... *esta rapaziada nova de 20, 20 e poucos anos, até é uma maneira muito diferente de eles pensarem (...) Coisas que não fazíamos, que eu não fazia com a idade deles, que eles fazem. (...) Tanto para o bom como para o mau, depende do ponto de vista*”. O processo que acontece com os jovens foi o que lhe aconteceu porque estão, “...*socializando (...) Ou aculturar ou como é que chamam. No fundo é misturar.*”. Esta mistura é vista de duas formas distintas. Pela positiva porque enriquece, tal como ele se sente enriquecido na sua ideologia. Pela negativa, porque há características que se perdem.

Não só no que se ganha e no que se perde é que Rui pensa a sua mistura. Diz sobre os brancos, que dizem entre eles, “*Olha que vem aí o cigano!*”, aproveitando para dizer, posteriormente, “*Realmente, temos muita coisa para mudar, temos.*”. Daqui é possível verificar o reconhecimento de que os ciganos têm partes más. Por outro lado, quando diz que temos que mudar, está, também, a referir-se aos brancos e a si enquanto branco. Quando pede mudança, quando a diz, parece que pede mudança aos ciganos, mas também aos brancos e à forma como vêm os ciganos.

Rui pede a mudança através escolarização, pela aprendizagem e conhecimento. Falta-lhe saber mais de si mas também dos outros. Diz que os mais velhos pensam que, “... *os rapazes devem sair da escola para começar a fazer pela vida.*” mas, “*Basicamente, o que faz falta é que daqui a 15/20 anos começar a haver bastantes licenciados, ciganos. A ver se isto muda.*”. Há um desejo que também o resto da etnia se misture para que, aí, ele também possa ser aceite e protegido, como não foi no passado. A mudança seria também para que se fizessem ouvir e compreender porque,

“Temos as nossas tradições, temos, concordo. Algumas, para quem não for cigano, não faz sentido”. Aqui, Rui fala, provavelmente de si, que não compreende a tradição porque não a conhece bem.

Sobre o que se perde com a mistura, refere a união que, *“... não devia ter acabado...”*. Elabora esta ideia dizendo *“Se houver um conflito, então aí há união. Agora, fora dos conflitos não há nada. É uma coisa que não devia ter acabado, que eu gostava.”*. A união familiar, *“... em comparação com há 30 anos já não é a mesma coisa. (...) já não é conforme era há uns anos.”*. Sobre a família nuclear, ou seja, pais e irmãos, diz algo diferente, *“... isso continuamos, de certeza absoluta...”*. Percebe-se que se refere a si próprio e a uma maneira de fazer diferente do que lhe aconteceu. Aparece uma ideia de continuidade do que foi feito no passado mas percebemos que não foi isso que aconteceu. Podemos, porém, pensar que na sua história também houve um tempo de união familiar, em que os seus pais viviam juntos e Rui era só cigano, antes de se tornar mestiço.

Refere-se, aqui, a questão da temporalidade. Verificamos um passado, de abandono, idealizado. Acerca da memória, Freud (1986) refere que esta é um conjunto de signos, estando sujeita a rearranjos e retranscrições. Estes signos não podem ser considerados de forma isolada, já que trazem consigo significados e que, muitas vezes, são deformados por falhas na tradução.

Amaral Dias (2004) refere a falha na tradução da memória afirmando que, nesta falha, o afecto é dissociado da representação, mantendo-se a representação na consciência, mas o afecto é posto noutra lugar. Verifica-se, em Rui, que a emoção, o sentimento de abandono e falta de união, é posta no futuro, mantendo-se a representação de um passado em que não sentiu fome nem falta de lugar para dormir.

Rui atribui o abandono que sentiu, quando voltou de casa da mãe, à sua mestiçagem. Diz, acerca da perda da união na etnia cigana, *“Será pelo facto de termos sido um bocado socializados?”*. A retirada de existência à mãe pode estar relacionada com isto. Com a sua ida com a mãe para o mundo da mistura, houve uma ruptura cultural.

Sobre o regresso a casa do pai, vários aspectos existem a destacar. Em primeiro lugar, Rui refere este abandono como liberdade, embora se perceba

claramente que fala de abandono. Quando voltou para o pai, “ *Quem é que assumia o meu controlo? Eu...*”. Revela também o que sentiu e que a “liberdade” tem consequências. Diz, “... *quando eles sentem-se mais libertados é que fazem os estragos.*”.

Rui tenta dar significado ao abandono sentido, afirmando, “*Isso por um lado é bom, a vida é assim, nós é que temos que nos adaptar, isso é lógico.*”. Refere, no mesmo sentido, “*Ou nos adaptamos ou temos que mudar.*”. Ainda, diz, “... *certas coisas, temos que deixar de fazê-las...*”. A adaptação de que fala sugere uma abdicção de si mesmo, enquanto sendo a soma ou mistura de dois mundos, em prol de pertencer a algo, neste caso, a etnia cigana. Rui tem que abdicar de si e passar a ser grupo. Em primeiro lugar, porque fala na primeira pessoa do plural, o que significa uma colagem ao grupo. A forma como vai falando, no plural, demonstra esta ideia de pertença a um grupo, em que o indivíduo não entra. Quando refere que, “*Ou nos adaptamos ou temos que mudar.*”, pode-se também pensar a mudança mesmo em termos geográficos. Já que, para si, Portugal é o mundo cigano e Barcelona o mundo da mistura.

Revela-se uma grande dificuldade em estabelecer uma continuidade entre si e o grupo, passado e futuro. Tudo parece incompatível. Para que esteja no grupo tem que abdicar de si. O passado antes da separação dos pais é idealizado e irrepitível por causa do passado depois de ter ido viver com a mãe, num mundo de mistura e de abandono. Sendo que o futuro também aponta a mistura, o futuro será de desagregação da etnia.

Neste sentido, Grinberg e Grinberg (1976) afirmam que o sentimento de identidade resulta da interacção de vínculos de integração espacial, temporal e grupal. No que se refere ao vínculo de integração espacial, que se refere ao corpo, esquema corporal e identidade sexual, verificamos que este está integrado. Relativamente ao vínculo de integração temporal, é importante referir alguns aspectos. Este vínculo diz respeito às representações do *Self* no tempo, estabelecendo uma continuidade. Esta continuidade pode, porém, ser abalada por crises, podendo estas ser crises evolutivas ou particulares da história do indivíduo. Na história de Rui, compreendemos esta crise e a descontinuidade na sua representação do *Self*, de forma bastante clara. Com a sua mudança para Barcelona, Rui foi educado e ter-se á identificado a um branco, logo há

uma parte do *Self*, que se identifica com a cultura cigana e outra parte que se identifica com a cultura branca, que são sentidas como inconciliáveis, num passado cujos pais viviam juntos e um passado mais recente em que vivia com a mãe e um branco.

O vínculo de integração social, que se refere à relação entre aspectos do *self* e aspectos dos objectos, através dos mecanismos de projeção e introjeção, também não se encontra integrado (Grinberg & Grinberg, 1976). Apesar de ser uma identificação madura ao objecto, esta identificação foi a um objecto que não pertence ao seu lugar de origem e, até certo ponto, incompatível com a sua etnia. Há, portanto, um conflito entre o seu *Eu* branco e o seu *Eu* cigano, conflito este, imposto pelo grupo a que pertence, por não deixar que os dois coabitem de forma integrada, ou como diz, “*Ou nos adaptamos ou temos que mudar.*”.

Síntese

Em relação à representação do masculino, podemos verificar um esvaziamento do homem. Há uma agressividade clara com a figura paterna e, simultaneamente uma culpabilidade e incapacidade em elaborar o futuro. O modelo de relação é predominantemente de suporte e a relação com os filhos existe até que eles o permitam, ou seja, Rui está dependente do amor dos filhos, e não o contrário.

A figura feminina também é posta em diferentes lugares. A mãe é culpabilizada pela sua história e alvo de agressividade. A esposa parece encher o seu mundo interno. A quem está entregue a casa e o pensamento.

Quanto à sua identidade, Rui aparece dividido. Entre si e o grupo. Entre Portugal e Barcelona. Entre o cigano e o branco. Entre passado e futuro.

Finalmente, refere-se a união, também sua, perdida e desejada.

4.2 - Sara

Representação do paterno e do masculino

Logo no início da entrevista, Sara começa por referir o homem. O pai, já morto, mantém, de certa forma, a vida. O pai que, “... fez 19 anos de morto” mantém uma espécie de vida para servir de referência para Sara. Uma referência masculina e paterna que Sara não tem e que para si é motivo de interrogação. O masculino é, aliás, um tema transversal a toda a entrevista. Sara sabe apenas o que lhe foi dito sobre o homem. A entrevistada sabe que o masculino é figura central e que, “...devemos ter muito respeito ao homem” e que, “... em primeiro lugar na raça cigana está o homem”, enumerando uma série de homens, como o pai, o marido e o irmão mais velho, que ocupou o lugar do pai, depois de este ter morrido.

Sara sabe que o homem não deve faltar ao respeito à mulher, quando diz, “*Não faltar ao respeito ao marido (...) E os maridos também conosco.*”. Sabe, ainda, que os homens morrem como o pai, cujo papel foi dar, “...a vida pelos filhos”. e o marido da prima que, “...foi baleado.”. A entrevistada sabe também que, “*O homem sai de manhã e trabalha para a mulher*”, como o pai que trabalhava para, “*arranjar dinheiro para a comida*”. De uma forma global, Sara sabe que o homem, que hoje em dia pode nem ser cigano, é aceite se cumprir o seu propósito de dar, “... *conta da mulher*”. Finalmente, Sara sabe o que o homem não faz, quando diz, “*Você não tem um pai a tratar mal um filho...*”.

Parece, pelos exemplos enunciados, que, de facto, Sara não sabe muito sobre o homem. Sabe que existem, devem ser estimados, são muito importantes, trabalham para que haja dinheiro para casa e morrem. Confere-lhes existência mas não muito para além disso. Parece haver uma forma de ser e de viver as funções de cada um que não são compreendidas ou, sequer, conhecidas. Mesmo relacionalmente, nada é elaborado. Sara nunca se põe, nem põe ninguém, em relação com o homem. Parece, até certo ponto, um objecto inanimado, sem vida, ou numa vida que Sara desconhece.

Há, por outro lado, uma curiosidade em aprender sobre o masculino quando pede, “...*um debate com um senhor grande.*”. Esta é a maneira que Sara arranja para aprender sobre o homem. Todas as referências masculinas que tinha já não existem,

logo, não lhe podem ensinar sobre o homem, como fica patente quando diz, sobre a importância do homem, “*Quem saberá há-de ser o meu bisavô ou bisavó. Neste caso não estão cá. (...) Mas quem pode responder a essa pergunta, o meu avô.*”. Quando fala do homem e sobre quem poderá saber sobre ele e a sua função, fica claro que são os homens que sabem sobre os outros homens. São os homens que falam e se revelam aos outros homens até na transmissão, como quando diz, “*...o pai tem que valorizar muito o homem, mais ao homem do que a menina...*”.

Ao mesmo tempo que há uma curiosidade sobre o homem, existe também uma ideia de romper com este modelo de submissão ao homem, algo que se percebe quando pergunta, “*Porquê rejeitar tanto a tradição cigana?*”. Aqui, vê-se a dúvida sobre a tradição, masculina, que não sabe e a sua vontade de romper com ela, porque, de facto, não a compreende.

Parece, por desconhecimento seu ou traço cultural, que o homem tem forma mas não tem conteúdo. Quer isto dizer, que o homem parece, de certa forma, quase como um objecto apenas de suporte. Parece este objecto porque está em primeiro lugar e deve-se dar muito valor e se a mulher fizer o que tem que fazer, ele traz dinheiro para que a família se alimente e para isso a mulher tem que cuidar de casa. A forma, que será retomada mais abaixo, de se obter o que o homem deve é cuidando dele. A sua função é não tratar mal os seus e trazer dinheiro para casa. Para além disto, a função do homem é transmitir aos filhos, homens, havendo, por isto, uma impossibilidade de a mulher saber do homem.

Representação do materno e do feminino

Relativamente à função feminina, Sara atribui-lhe muito mais conteúdo do que ao masculino, porque conhece e sabe sobre a mulher. Relativamente à função feminina a entrevistada refere, em primeiro lugar, a exemplaridade feminina e os deveres. Acerca do que faz, Sara diz, “*... a mulher faz os deveres da casa e faz os deveres dos filhos.*”. Afirma, também, que a mulher deve, “*Não faltar ao respeito ao marido... Não faltar com as regras da casa...Ter um bom comportamento para o marido, para os filhos, para educar os filhos.*”. A função feminina é desta forma elaborada e centrada no que tem que ser e no que não é permitido. Percebe-se durante

a entrevista, com a mãe de Sara a espreitar para a sala, que a mulher é quem vigia a mulher. Quem garante que as mulheres são o que têm que ser e não falham, são as outras mulheres. Refere-se, relativamente a esta forma de ser, que remete ao cartão 5 do TAT. Ainda sobre isto, e tendo em conta o que tem vindo a dizer, parece haver uma figura materna castradora limitando-se a transmitir o que não pode fazer e que vigia. Mesmo em relação à escola, tema a que recorre várias vezes ao longo da entrevista, que teve que abandonar, Sara diz, “*Eu também acho uma pena, pronto!*”. Desta forma, Sara demonstra que não pôde continuar na escola por mais um impedimento materno. É possível verificar, por tudo isto, uma identificação à figura materna que se expressa por um superego que se revela exclusivamente nos interditos.

Por outro lado, há uma espécie de libertação com a demissão materna. Ao longo da entrevista, Sara fala de um passado em que nada era permitido e um presente em transformação. Quando se refere ao passado, refere-o sempre a uma distância de 20 anos, ou seja, há sensivelmente os mesmos em que a pai morreu e a mãe passou a andar no cemitério. No passado, “*...se fosse à loja sozinha, já era contra a vontade do meu pai.*”. No presente já se permite a tudo, apesar nada por si ser feito. Um dos exemplos de que fala é da permanência da filha na escola, permanência esta que havia sido impedida pela sua mãe como vimos anteriormente, como quando diz, “*Tenho muito respeito... a minha filha agora... a minha filha... agora já está mais evoluída. A minha filha de certeza que vai seguir a escola toda.*”. Sem a figura materna ela, falando como se fosse a etnia inteira, diz, “*Agora é mais jovem e querem evoluir cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais e acho bem.*”. Até o casamento sofre mudanças. No presente, “*Se eu quiser casar com uma pessoa branca, eu posso...*”.

O que tem que ser e o que não pode ser feito, é o que Sara retirou das suas referências femininas. Sobre as suas referências, podem-se verificar dois factos. Em primeiro lugar a demissão materna da mãe que, após a morte do pai, deixou de o ser. Sara refere que teve que sair da escola para cuidar da casa porque a sua mãe, “*...andava no cemitério.*”. Se, por um lado, a referência materna é ausente, a outra figura feminina que destaca é confusa e imperceptível. Refere uma tia sua que, “*...fala, fala, fala e ninguém lhe apanha*”. O feminino é, por isso, redutor e demissionário ou ruidoso e confuso.

Por isto mesmo, os papéis masculinos e femininos não são bem claros. Por nunca lhe ter sido ensinado e clarificado, relativamente à transmissão, Sara demonstra confusão sobre quem terá esse papel, se será do homem ou da mulher. Acerca de quem lhe transmitiu, diz, “... *eu sei agora tratar de uma casa, tratar do marido, tratar de uma filha, a alguém o devo. À minha mãe e ao meu pai, que me ensinaram a ser assim.*”. Aparecem, aqui, pai e mãe, em termos dos seus papéis, confundidos. Esta confusão reaparece quando refere a sua filha, ao dizer, “... *esse caminho, vou ensiná-lo à minha filha. O pai da minha filha vai ter que ensinar a ela...*”.

Finalmente, refere-se o seu orgulho enquanto mulher. Até aqui tem-se visto a relevância que a casa tem para Sara e que esta é constituída por si mesma mas também pelos que lhe pertencem. Neste sentido, Sara destaca o facto de a casa lhe ter sido entregue enquanto o seu grande orgulho por lhe ter sido dado o papel de mulher, que pede e que sabe o que é. Sobre este acontecimento diz, “*O meu orgulho foi aí. A minha mãe deu-me a responsabilidade de tratar de uma casa tão grande e dos meus irmãos e consegui.*”.

Tendo tudo isto em conta, revela-se, em Sara um superego castrador e vigilante e uma identificação à figura e à função materna. É de notar que, apesar de Sara ter proposto e elaborado a mudança, na família e na etnia, Sara nunca participa nesta mudança. O seu papel não passa pela mudança. O seu papel, pela identificação à figura materna, é ser mãe. Garantindo esse papel, Sara liberta os outros para fazerem o que quiserem. Por outro lado, Sara não pode fazer diferente devido aos seus interditos, também eles claramente maternos.

Identidade

A fidelidade aparece como tema transversal a toda a entrevista e é através da questão da fidelidade que Sara elabora o passado e sustenta o futuro.

Começa-se pela referência à transgressão, sexual, a este tema. Sara deixa clara a importância da fidelidade e quais as consequências da transgressão. Sobre si, diz, “...*eu estou com o meu marido, eu não posso ter um namorado...Não! Isso já é uma falta de respeito muito grande para a família! Se acontecer algo disso na família nós semos excluídos.*”. Acerca da sua mãe, Sara afirma, “*A minha mãe nunca mais, há*

19 anos, nunca mais teve um homem (...) Se a minha mãe casasse com outro homem, ela não era bem-vinda a casa, era logo fora da família. (...) Não era mãe, não era cigana, não era nada. (...) Por isso é que eu gosto da tradição cigana. Somos rectos, somos fieis uns aos outros.”. Destas frases é possível perceber a importância que para si tem a fidelidade, se bem que este tema vai além da sexualidade e da transgressão. Percebe-se, também, que a fidelidade é à família e não à etnia. Quando diz que já se pode casar com um branco, se assim o quiser, percebe-se que é possível construir uma família. Por outro lado, segundo o que disse acerca da sua mãe na frase acima, a família construída passa a sê-lo para sempre e o pai, mesmo sem estar vivo, continua a sê-lo e é impossível ser substituído. A fidelidade não é a um membro em específico, mas a uma família inteira, que é vista como um todo.

Pode-se pensar que o respeito que a mulher deve ao homem também é regido por esta regra fundamental.

Mesmo em relação à permanência da filha na escola vemos novamente a fidelidade pelo respeito aos que lhe pertencem, como quando Sara diz, *”Tenho muito respeito... a minha filha agora... a minha filha... agora já está mais evoluída.”*.

Pode-se pensar várias coisas tendo a fidelidade como valor fundamental em mente. Primeiro, a mudança e abertura que Sara pede e demonstra não põe nunca em causa este fundamento. Depois, a sua filha continuará na escola porque Sara é fiel a si e ao seu papel de mãe. Finalmente, pode pensar-se que a sua mãe é culpabilizada por ter deixado de ser mãe, ou seja, de certa forma, ter sido infiel à família que estava viva.

Síntese

Sara parece estar num conflito superegóico, situando-se entre o que pode e não pode ser feito. Se, por um lado, os interditos são muitos, por outro, parece que, garantindo a fidelidade à família, esta pode fazer diferente. A sua família, é libertada das restrições que implica a casa. Parece haver uma identificação à figura materna. Sara assume o papel da mãe, com os interditos que esse papel traz. Como assume essa posição de fidelidade aos seus, eles não vão ter que abdicar de si e do que desejam. O seu maior orgulho foi ter o papel materno e ser capaz de o exercer. Tendo este papel

garantido e o princípio básico da fidelidade garantido, os outros podem tudo, desde que sejam fieis à família.

Relativamente ao superego feminino, Freud (1925) sugere que este nunca é tão impessoal e independente das suas origens emocionais como o dos rapazes. Bernstein (1982) elaborou e formulou a força, estrutura e conteúdos do superego feminino.

Relativamente aos conteúdos, estes dizem respeito a proibições e advertências das pulsões que podem ou não ser expressas. Os conteúdos albergam as expectativas de feminilidade e são criadas pela experiência do desenvolvimento no self, e entre o self e a realidade.

A força do superego refere-se à forma como os conteúdos são impostos. Esta força deriva de um medo e identificação ao objecto primário da mãe onipotente, grandiosa e narcísica, da infância. Refere-se, também, que diferentes conteúdos têm diferentes forças no superego.

Finalmente, a estrutura refere a forma como os conteúdos se interligam. Refere Bernstein (1982) que quando uma nova identificação é elaborada, as relações anteriores são reactivadas e baseadas na relação de objecto primária. Assim, a mãe é novamente percebida através de um olhar infantil. As identificações egóicas e superegóicas levam a uma internalização da dependência de um superego que contém muitas características da mãe primitiva.

Transpondo as ideias acima para Sara, podemos pensar a fidelidade como o conteúdo com maior destaque no seu superego e é clara a ligação à sua história. Aparece um passado castrador, em que a mulher pouco podia fazer, na vida pública, que é transposto para o presente, pela severidade da punição a uma falha à fidelidade. Relativamente à força, as faltas a este conteúdo são punidas de forma bastante severa, como podemos verificar pela sua mãe, que se estivesse com outro homem, deixaria de ser mãe e cigana. Finalmente, a estrutura permite que, desde que a fidelidade não seja posta em causa, novas formas de ser possam aparecer.

5 - Análise dos temas comuns

Depois de discutidos ambos os casos, individualmente, é importante referir e pensar o que de comum apareceu nas duas entrevistas. Destaca-se a relação do masculino com o feminino e uma questão identitária, assumida por ambos enquanto étnica. Rui destaca a união e a seriedade e Sara refere também a união e a fidelidade.

5.1 - Masculino vs. Feminino / Paterno vs. Materno

Tanto na entrevista de Rui, como na de Sara, e tal como já discutimos anteriormente, o homem aparece como forma e poder, um tanto esvaziados, enquanto que a mulher aparece enquanto dando conteúdo ao homem. Esta forma de ver homem e mulher remete-nos para o modelo do continente – conteúdo de Bion (1962-91), modelo que criou com o propósito de compreender e expressar os acontecimentos intrapsíquicos e intersubjectivos que permitem ao bebé investigar os seus próprios sentimentos numa personalidade forte e suficiente para os conter, denominando como continente o lugar onde o objecto é projectado e conteúdo o próprio objecto projectado. Refere ser através da identificação projectiva que um conteúdo (elementos β) é projectado para dentro de um continente que acolhe, contém e transforma, através função de rêverie, e o devolve sob a forma de elementos α , tornando-se, assim, possível de ser pensado. No período inicial de vida, a experiência mental do bebé é regida por impressões sensoriais desprovidas de sentido ou sensações sem nome que causam frustração (elementos β). Estas sensações, por provocarem frustração e não serem passíveis de serem pensadas, são evacuadas para o exterior, por meio da identificação projectiva. Através da função α , os elementos β são transformados em elementos α , elementos com significado psíquico. A função α decorre da acção da mãe em receber a evacuação dos conteúdos angustiantes projectados pelo seu bebé – elementos β , contê-los, tolerá-los, processá-los e por fim, devolvê-los transformados de modo a que a criança os possa tolerar - elementos α . Se a capacidade de rêverie da mãe lhe permitir responder adequadamente às identificações projectivas do seu bebé, este sentir-se-á compreendido e reconfortado, recebendo a parte de si que foi evacuada numa versão melhorada, acompanhada da experiência de um objecto que já é capaz de tolerar e de pensar sobre ele. O bebé começa então a ser mais capaz de se

tolerar a si mesmo, apreender-se a si e ao mundo em termos de significado e a sua experiência emocional adquire sentido e significado psíquico.

Parece, nos casos analisados, que a mulher é continente e o homem conteúdo. Transparece esta ideia, em Rui, quando afirma, “... *já vai com a cabeça cheia da mulher, já sabem o que é que têm e o que é que não têm que dizer.*”. Parece, fazendo ponte com a teoria de Bion, que o homem recebe os elementos α da mulher. Em Sara, apesar de não ser explicitado, verificamos pelo latente, que ao homem cabe a forma e à mulher o conteúdo.

Relativamente a este facto, levantam-se duas hipóteses. Em primeiro lugar, é importante ter em conta que houve perdas, em ambos os casos, da figura paterna, logo, este facto pode estar relacionado com essa perda. Por outro lado, pode também levantar-se a hipótese de que isto se pode dever a um factor cultural. Pela coincidência neste aspecto, e apesar de termos apenas dois exemplos, podemos pensar que, de facto, culturalmente, ao homem caber a forma e o poder, e à mulher caber o conteúdo e a casa.

5.2 - Identidade

Aparece, nas duas entrevistas, um ideal semelhante e que é apresentado como traço transversal e identificativo da etnia cigana. Rui refere com muita frequência a seriedade, ao passo que Sara destaca a fidelidade. Há também um traço destacado por ambos, que é a união da etnia cigana, embora, segundo Rui, esta se esteja a perder. Podemos, por isso, pensar estes traços enquanto identidade étnica. Mann (2006) afirma que a etnicidade diz respeito à cultura de um povo, e inclui valores, linguagem, história, expressão, padrões de relacionamento e educação das crianças. A etnicidade, é transmitida à criança pela exposição à moral cultural da família e através da linguagem étnica familiar adquirindo, pela identificação às figuras parentais, um sentimento de continuidade geracional e um sentimento de pertença. Este sentimento de pertença, que na infância se pode dizer etnocêntrico, vai-se diluindo durante a adolescência embora se mantenha e se torne parte da identidade na adultícia. Esta

identidade revela-se através de um comportamento homogéneo ou pelo gosto por determinada música e comida.

Pensamos, por isto, a união, seriedade e fidelidade, para além de traços obviamente relacionados com a história de cada um, enquanto mais um traço relevante na etnia cigana e, apesar de ter expressões individuais, ser um princípio comum a esta etnia.

6 - Considerações Finais

É importante começar por referir, de novo, o objectivo deste estudo. Este estudo tinha como principal objectivo conhecer a família cigana através de histórias singulares. Assume-se que só se tem acesso a uma verdade, nunca universal, partindo do sujeito. Assume-se que a investigação em psicologia, o estudo da mente do sujeito, só é possível aceder a partir da história e especificidade do sujeito. Neste sentido, o objectivo proposto foi cumprido, já que se conseguiu aceder a duas pessoas e a sua família, pela sua subjectividade.

Não é, porém, possível, (nem foi essa a proposta) retirar grandes conclusões sobre a etnia cigana. Apareceram, de facto, alguns elementos que podem ser relevantes e característicos desta etnia, sendo, no entanto, necessário realizar uma maior e mais aprofundada investigação.

Para futuras investigações, propõe-se o uso de métodos projectivos, o que, por exemplo nesta dissertação, teria certamente tido sido enriquecedor.

Muito há ainda a saber sobre esta etnia, sobre a sua relação familiar, o pai, a mãe, a relação desta etnia com a música e as artes e o seu nomadismo.

Agora com o meu cunho enquanto pessoa e aspirante a psicólogo, desejo que se estude uma pessoa de cada vez. Não me canso de afirmar que estou profundamente convicto que a humanidade só pode ser estudada e pensada uma pessoa de cada vez.

Refiro, finalmente, o prazer que me deu este estudo, pelo contacto com algo que não conhecia, o que, confesso, por vezes me inquietou. Nem sempre foi fácil, aliás, poucas vezes foi fácil, mas não deixa, nunca de ter sido um trabalho que me deu bastante gozo.

7 - Referências Bibliográficas

- Bernstein, D. (1982). The female superego: a different perspective. *The International journal of psycho-analysis*, 64, 187-201.
- Bion, W. R. (1962-91). Learning from experience. Londres:Karnac
- Castro, A. (1995). Ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 17, 97-111.
- Costa, M. E. L. (1993). O povo cigano em Portugal: contributo para o seu conhecimento. *Ministério da Educação, Secretariado Coordenador de Programas de Educação Multicultural (eds.), Escola e Sociedade Multicultural. Lisboa*, 91-96.
- Freud, S. (1925). Some psychical consequences of the anatomical distinction between the sexes S.E.
- Gonzalez Rey, F. L. (2002). Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios, trad. *Manoel AF Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.*
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1976). Identidade e Mudança. Lisboa. CLIMEPSI
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method.* Sage.
- Liégeois, J. P. (1989). Ciganos e itinerantes. *Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.*
- Magano, O., & Silva, L. F. D. (2000). A integração/exclusão social de uma comunidade cigana residente no Porto. In *IV Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia. Coimbra, Portugal.*
- Mann, M. A. (2006). The formation and development of individual and ethnic identity: insights from psychiatry and psychoanalytic theory. *The American journal of psychoanalysis*, 66(3), 211-224.
- Mendes, M. M. F. (2005). Nós, os ciganos e os outros. *Lisboa: Livros Horizonte.*

Mendes, M., Magano, O., & Candeias, P. (2014). Estudo nacional sobre as comunidades ciganas.

8 - Anexos

Entrevista Rui- 49 anos

Martinho Palha- Gostava de saber da sua família. Queria que, nos próximos minutos, me contasse a sua história, relativamente à sua família.

Rui- A minha família nuclear, estamos a falar da minha família nuclear. A família nuclear, em si, nos ciganos torna-se uma família bastante alargada. Porque é assim, sou pai de 8 filhos, já tenho 13 netos. Ainda tenho metade dos filhos por casar. Logicamente, enquanto eu for vivo, eu sou sério e sou de família. Enquanto os meus filhos que estiverem cá em casa, principalmente os mais crescidos, o permitirem, não é? Mas em principio são todos da família. Mas às vezes isso é um bocado mais... (não percebo a palavra, mas parece-me qualquer coisa no sentido de idílico) do que outra coisa... Eu não sei exactamente o que o senhor queria saber, se me fizer uma pergunta concreta.

M.P.- Faço claro. A ideia é que me fale da sua família da maneira que quiser...

R.- Como funciona a família cigana.

M.P.- Sim, ou como funciona a sua família cigana.

R.- Pois, posso falar na minha. Isto é assim, os ciganos têm uma coisa, neste caso na nossa etnia, mais do que qualquer uma população portuguesa que tenha filhos, em principio estará a proteger as crianças. Nisso é básico. Mas eu acho que os ciganos exageram um bocadinho. Mais adiante. Depois temos o caso das raparigas quando são solteiras. Que é... a maior dor de cabeça, entre aspas, isto não é dor de cabeça. É a maior preocupação que um pai pode ter é as raparigas solteiras. Depois temos os rapazes, que estão sob a nossa alçada enquanto são solteiros. Depois de casados... embora, muitos dos casos, eles pensam que são autónomos mas uma pessoa não está a dizer que são autónomos, até uma certa idade, logicamente. Portanto, quem governa a casa, sinceramente, é a minha Maria, quem a governa é ela porque... bem, ela tem mais jeito do que eu. Controla melhor o dinheiro que eu. Mas algumas certas decisões são tomadas por mim. Não porque eu acho que o homem é mais do que a mulher, não porque eu ache... isso está enraizado em nós. E qualquer uma confusão, qualquer uma preocupação, qualquer uma coisa que haja, o menino é que vem ter. A menina só responde caso eu não esteja. No sentido de... não sei mais o que é que... depois temos

os ascendentes. Temos os ascendentes, para eu lhe explicar e como é que funciona, não é? Ora, os ascendentes. O meu pai já não cá está, a minha mãe é como se cá não estivesse, porque eu já não tenho idade para ter alguém acima de mim... Depois há os tios mais velhos, os tios mais velhos, que eu tenho um certo respeito, por causa da idade. Nos ciganos a idade é mesmo um posto. E não há volta a dar, é mesmo um posto. Está-se a perder um bocadinho mas é. Eu, por exemplo, eu estou aqui a trabalhar agora e se perguntar a um miúdo, qualquer um miúdo chama-me tio. Só pelo facto de ser cigano e ser mais velho... Mas eu não sei o que é que eu hei-de dizer mais, se me fizer perguntas...

M.P.- Conte-me como é que foi a sua infância e o seu crescimento com a sua família, como é que era.

R.- A minha infância é um caso complicado. A minha infância é uma parte que não acho que queira aí na sua tese porque eu não fui criado por ciganos. Fui criado pela minha mãe, que é cigana, e depois por um homem que não era cigano. O meu pai e a minha mãe separaram-se e, portanto, fica um bocado fora de contexto.

M.P.- Não sei se fica, é cigano, não é?

R.- Sou. O meu pai e a minha mãe separaram-se. A minha mãe foi para Barcelona. O meu pai tornou-se um cantor famoso. A minha mãe acabou por se casar com um senhor engenheiro técnico, entrou no exército e foi comercial. Um homem que tratou de nos pôr na escola a todos. Tive uma infância como qualquer uma criança. Depois, o meu pai foi-me lá buscar quando eu tinha 11 anos. Não sei o que é que lhe deu na cabeça para eu chegar aqui e ser outra vez mandado fora, portanto. Quando tinha 15 anos lá voltei para a minha mãe e fiquei até aos 19/20 anos. Vim para cá. Portanto a minha infância também não sei se fará aí muito sentido.

M.P.- Acho que faz, no pior dos casos será uma história diferente do que se espera.

R.- Foram 4 anos muito difíceis. Entre os 11 e os 15 estive aqui. O meu pai foi-me lá buscar mas depois desinteressou-se. Foi uma infância um bocado complicada, de facto. Graças a Deus tive sorte, tive Deus comigo e era esperto, porque parece que fugia dos meus problemas. Então, a tal família alargada, tios, primos mais velhos, deram-me casa, portanto nunca passei fome, nunca dormi na rua.

M.P.- Aparentemente, o pai não estava. Quem é que assumiu durante estes 4 anos...

R.- Quem é que assumia o meu controlo? Eu... Por sorte, parece que Deus me deu o condão de ser um bocadinho mais maduro do que devia ser, então fugia sempre das situações. Quando via... assim como uma luzinha vermelha, um aviso, saía do sítio. Portanto, eu era um rapaz muito bem educado, ninguém desgostava de mim, da minha família. Todos tinham cuidado pelo outro, acolheram-me na sua casa. Falta de cama e de alimentação, nunca tive. Tirando ma vez ou outra, não. Enquanto que as crianças ciganas, toda a gente pensa que têm muita liberdade no mundo, mas olhe que nisso enganam-se. Às vezes nós fazemos mal em não dar mais, na verdade, porque quando eles sentem-se mais libertados é que fazem os estragos. Não estão acostumados a andar com a rédea aberta, correm e fazem o mal. Eu continuo a achar que há muito erro na maneira como se pensam os ciganos. Mas isso há de mudar, se Deus quiser. E porque é que havia de mudar? Para já porque a ideia que o cigano tem, porque isto já está enraizado, eu e os meus já não pensamos assim, mas os mais velhos ainda pensam, que os rapazes devem sair da escola para começar a fazer pela vida. Basicamente, o que faz falta é que daqui a 15/20 anos começar a haver bastantes licenciados, ciganos. A ver se isto muda. Mas eu acho que é necessário para confirmar que não somos nenhuns bichos papões. Temos as nossas tradições, temos, concordo. Algumas, para quem não for cigano, não faz sentido. Algumas não fazem sentido. Tenho a certeza que algumas não fazem, mas...

M.P.- Por exemplo.

R.- Por exemplo as raparigas terem que casar castas e puras. E não é só essas, há mais. Por exemplo, se estiver a porta de um amigo, se estiver aberta. Se estiver fechada não entro. Se estiver aberta, de um amigo que tenha confiança, se for preciso nem bato à porta. “Então pá, estás bom ou quê?”. Há um à vontade entre os ciganos. Vou dar um exemplo. Agora mesmo, se o senhor fosse cigano, não digo que teria confiança em certas coisas, mas se fosse preciso já falava com outro à vontade. Não porque, por nada, porque não somos assim mesmo. Porque somos mesmo assim. Isso pode ser um cigano do Alentejo, como do Algarve, como de onde for. Vou lhe pôr um exemplo, estamos aqui à espera de qualquer coisa, pode ser nas finanças como qualquer coisa. Só há dois ciganos. Não se conhecem. Se for preciso começam a falar todos. Os filhos, se for preciso, não se dirigem a palavra, e no dia seguinte já está tudo

bem. Portanto, isto é evidente, é uma das coisas. Aquela gente que esteve aí há bocado, a chamar aldrabão, na brincadeira. À seria é claro que é uma ofensa, mas se for a rir para o outro, não. Para si, é melhor não dizer isso nem a brincar. Porque é uma das piores ofensas que nos podem fazer. Lá está, é o mito que os ciganos são aldrabões. Olhe que não é bem assim. Claro que os há mas, por tradição, a palavra do cigano é a bandeira dele. Isto, quando chega-se a uma certa idade, depois há uma coisa que nós chamamos homens de leis, que é os que nos resolvem os conflitos, quando os há. Na tradição tem que se ter um certo mérito, e mérito principal é nunca ser aldrabão portanto, um homem sério. O que tiver a dizer, diz. De uma maneira assertiva, não estou a dizer de uma maneira agressiva, não é? Isso é um dos mitos que deviam ser desfeitos. Eu cumprir com a minha palavra, para mim é um orgulho. Eu quando não a cumpro, pff... não a cumpro só se acontecer uma desgraça. Há aí coisas em que têm uma ideia muito mas muito errada a respeito da tradição cigana. E eu sei porque é que têm essa ideia, porque nunca viram o outro lado. É preciso ver os dois lados. E... se eu tivesse que escolher, se... vamos lá supor, à maneira de estar de cada um, fossem ideologias políticas e tinha que misturar as duas para ficar com a minha ideologia. Os ciganos têm coisas que eu, não digo não aceitar porque aceitámos mas que eu acho que não deviam ser assim. Como há coisas que eu tenho a certeza absoluta que não deviam ser assim. E há outras que sei que têm que ser assim. O tradicionalismo, pelo menos em Lisboa, não há muito. Porque esta rapaziada nova, de 20, 20 e poucos anos, até é uma maneira muito diferente, de eles pensarem. Coisas que não fazíamos, que eu não faria com a idade deles, que eles fazem. É como tudo. Tanto para o bom como para o mau, depende do ponto de vista. Neste caso é socializando, parece-me que seria a palavra mais indicada. Ou aculturar, ou como é que chamam. No fundo é misturar. Isto de um cigano manter a sua palavra é um dos pontos mais fortes que nós temos. Um dos pontos mais fracos, da tradição, que deviam acabar e não acabam, é a tal dita, quando há desavenças, por exemplo entre famílias. Por exemplo, um primo meu, que eu se calhar nem lhe falo, se fizer algum mal, paga ele e pago eu. Isso ainda existe. Já devia ter acabado há muito tempo mas isso ainda existe. Em menor medida do que por exemplo há 10 ou 15 anos, mas ainda continua a existir.

M.P.- Sim.

R.- Uma das coisas que acabaram, que não devia de ter acabado, era o à vontade que estávamos sempre uns com os outros. Está a acabar. Quando eu era mais jovem, por exemplo a família alargada, quando soubessem que havia alguma dificuldade, todos contribuían, nem que fosse o mínimo, para essa pessoa sair da dificuldade. A união que havia, agora só acontece essa união quando há um problema de conflito. Se houver um conflito, então aí há união. Agora, fora dos conflitos não há nada. É uma coisa que não devia ter acabado, que eu gostava.

M.P.- Porque é que isso terá acontecido?

R.- Isso não se sabe. Eu tenho ideia que talvez... a vida até estava mais difícil do que está agora, por isso não é por aí. A gente, quando era jovem, vivia-se muito pior do que se vive agora. Será pelo facto de termos sido um bocado socializados? Como é lógico, então certas coisas vão-se perdendo. Não encontro uma razão única para isso ter acontecido, mas isto foi uma delas. Acredite que isto é verdade. Neste momento, aqui na Ameixoeira, tenho uma quantidade enorme de familiares. Primos, muitos mesmo. Então eu ponho-me a imaginar aí pessoas que passam mesmo mal, se fosse há 20 anos atrás as pessoas não estavam tão mal, porque havia um velho, que chamava mais 2 ou 3 velhos e dizia, passa-se isto e isto e isto e fazia-se uma colheita e cuidava-se da pessoa. Chegaram a fazer-me isso uma vez quando eu tinha menos de 20 anos. Eu estava muito em baixo, e nem sequer eram familiares meus. Não me pertenciam nada. Quando eu fui ver, ao fim da tarde, vieram entregar-me dinheiro e material de negócio. Ainda se faz quando há, por exemplo, um enterro e faz-se uma colheita para dar a... não sei como é que se chamam essas pessoas, alguém que não tem dinheiro. O que é que se faz, vai uma pessoa com um saco ou uma mala, ou o que for e pede dinheiro para ajudar. Isto ainda se faz, só nesses casos. Já não é mau, já não é mau, sinceramente. Uma pessoa ir para... sem flores sem nada. Isto também se faz quando há um casamento, mas é mais para os noivos irem passear. Quando já estão casados, quando já se fez o que se tinha a fazer. Portanto, a tal dita prova. Um homem mais velho tem que lá estar. Mas tem que ser sempre uma pessoa de valor. O que é que quer dizer uma pessoa de valor, uma pessoa que nunca tenha sido aldrabona, pronto, tem fama de ser homem sério. Essa pessoa, costuma ser pela minha idade ou mais velhos até, vão lá, entregam o dinheiro para irem passear e pronto. Isto ainda se faz. Fora isso já não há aquela entreatajuda que havia, já não há aquela união que havia, já não há muita coisa.

M.P.- Sim, de facto, quando se pensa na etnia cigana, pensa-se muito na família e que a família tem uma importância muito grande.

R.- E é. Não só a família nuclear mas também a família alargada. Isso continua a ser, em comparação com os outros grupos. Porque em comparação com os ciganos há 30 anos atrás, já não é a mesma coisa. Já não tenho tios vivos, mas quando os tinha, qualquer uma confusão, qualquer uma dúvida, qualquer uma coisa, chegava-me ao pé de um tio, explicava-lhe o caso lá se resolvia. Agora mantém-se mas é mais no conflito do que noutra coisa. Agora, as famílias nucleares, nem falo de tios e avôses. Falo de pais, filhos, irmãos, isso continuamos, de certeza absoluta, isso é assim, para mim. Tenho a certeza que se tiver um filho em dificuldades e tenho outro filho pode, que vai tirá-lo da dificuldade vai. Eu sei que isso acontece, os pais, é normal, dizem, “Estás a encostar-te a mim? Estás a viver às minhas custas? Não não! Vai mas é trabalhar”. Mas isso, nos ciganos não é bem assim. Às vezes devia de ser porque há rapazes que merecem. Mas não é bem assim. Mais nas mães do que os pais. As mães às vezes, quando têm um bocadinho a mais dão. Nós nisso somos um bocado diferentes, continuamos a ser unidos.

M.P.- Vem-me falando da família nuclear e é engraçado porque a ideia que existe é que as famílias ciganas são pais, filhos, avós, tios...

R.- Isso até certo ponto é real. Só que já não é conforme era há uns anos. Por exemplo, se eu agora tiver um problema económico, talvez possam ajudar, mas como era feito antigamente, nada disso! Toda a gente puxa a brasa à sua sardinha, sem fazer mal a ninguém. Agora, quem faz mal a um, faz mal a todos, isto é real também. A família alargada ainda é real, não tão real como há alguns anos, mas ainda existe. Mas não é a mesma coisa, nem pensar nisso. Isso por um lado é bom, a vida é assim, nós é que temos que nos adaptar, isso é lógico. Nós é que somos a minoria. Não digo, largar tudo o que somos, mas certas coisas, temos que deixar de fazê-las, até porque se queremos viver em sociedade...

M.P.- Quais coisas?

R.- Ou nos adaptamos, ou temos que mudar.

M.P.- Qual é que acha que é essa mudança que tem que ser feita?

R.- Do meu ponto de vista, o maior factor impeditivo talvez seja mesmo as raparigas. Quando são solteiras. Porque ainda há a ideia de que as raparigas ciganas têm que ter um comportamento exemplar até casarem, por exemplo, se andarem numa escola, se for preciso, a rapariga não fala com nenhum rapaz. Quando entram ciganos num sitio qualquer até há coisas que eles mudam. Você há de reparar que em muitos cafezinhos, os ciganos, alguns, dizem que têm azar, o tal chamado sapinho. Se entrar em muitos cafés, são os animaizinhos feitos de loiça, que é para os ciganos não entrarem. Cada vez que eu vejo isso eu entro na mesma. Já ouvi dizer, quando uma criança se porta mal, “Olha que vem a policia!” mas também já ouvi ameaçar, “Olha que vem aí o cigano!”. Eles estão a educar as crianças, logo à partida, que os ciganos são maus. É tão simples quanto isso. Realmente, temos muita coisa para mudar, temos. Mas vamos por partes. Não vamos esquecer milhares de anos de tradições porque simplesmente queremos integrar-nos na sociedade. Não é bem assim. Temos que nos adaptar, claro que sim, logicamente, mas se nós nos devíamos adaptar mais rápido, também deviam ter mais um bocadinho de consciência e de compreensão e fazer as coisas de maneira a que nos facilite um bocadinho a vida. Fizeram uma escola só para raparigas. As minhas filhas andaram lá e, não sei porquê, acabou. Não é que eu queira dizer que os ciganos tenham que ter um tratamento especial ou um tratamento diferenciado. Não estou a dizer isso. Mas estou a dizer que deviam fazer alguma coisa por nós. O primeiro passo. Que é esse. É tão simples quanto isso. Quando havia a escola estava tudo bem. Os pais estavam todos descansadinhos. Provavelmente, se alguma tivesse chegado, quando isso acabou, talvez tivessem feito mais, talvez tivessem chegado ao 12º ano. Sem isso, eu penso em mandar a minha filha para a escola, os pais começam a falar nisso e a minha filha é posta de lado. Se nos querem ajudar, façam a escola só para rapariguitas, nem precisa de ser só ciganos.

M.P.- Como foi dizendo, não é uma questão de não dar importância à mulher, parece ser uma questão de protecção.

R.- O cigano protege a mulher. Quando uma rapariga está metida com um rapaz, o rapaz, antes de casar, compromete-se com a rapariga. Só a rapariga é que pode desfazer o compromisso. Portanto o noivo não pode desfazer. Se gosta dela hoje, tem que gostar dela quando casar. É o pai do noivo que marca tudo, mas se eles forem apanhados a namorar ou se fugirem, passa para a mão do pai da noiva. O pai da noiva é que lhes põe quando é que casam, se for preciso ser no mesmo dia, é no mesmo dia.

À mulher só se pode tirar um filho quando a mãe é muito... ou seja, imagina, está casado, tem as suas filhas, estabeleciam-se, depois corria tudo mal e havia confusão. Em nós não existe isso. Em nós não existe tal coisa. Entre nós é assim, desde que uma mulher não tenha cometido adultério, ninguém pode tirar os filhos dessa mulher. Embora ela reconheça que ela seja pobre e ele seja rico, e ele possa dar mais futuro, isso não se considera. O mais que pode fazer é mandar algum dinheiro. Isso é permitido. Mas se a mulher entretanto fizer alguma coisa que... prontos, aí já se pode tirar os filhos a uma mulher. Por exemplo, eu estou casado e apanho a minha mulher com outro. Aí eu fico com os meus filhos e ela tem que se ir embora. Isto é em caso de adultério. Se não for em caso de adultério, a mulher é super protegida pelos ciganos. Há ciganos que batem nas mulheres, claro que há. Mas não só ciganos. Os ciganos são machistas no sentido em que a cabeça da família, pelo menos para as pessoas verem, porque isso é na teoria, na prática muitas vezes, dentro de 4 paredes quem manda é a mulher, mas cá para fora, quem tem que mandar é o homem. Porque os problemas são resolvidos entre os homens. Determinarem qualquer coisa ou sei lá, seja o que for. Os homens é que decidem. Mas muitas das vezes o que é que acontece? O homem vai resolver e já vai com a cabeça cheia da mulher, já sabem o que é que têm e o que é que não têm que dizer.

(Fomos interrompidos)

M.P.- Estava a dizer que, no fim, a mulher é que acaba por resolver. Estava a tentar imaginar como é que isso acontece.

R.- Isto pode soar um bocadinho a hipocrisia. Mas é assim. Quem governa a casa é a minha mulher, mas quem manda na minha mulher sou eu. Maneira de dizer. Isto é na teoria porque muitas das vezes quem manda é a mulher. Só que quem está em primeiro lugar é o homem. Mas há alguns que a mulher não pode dizer água vai, mas isso era antes. Ainda há alguns assim, mas é porque são malucos ou... não sei. Agora, se a mulher faz alguma e leva logo porrada, isso é um mito. Se há ciganos que fazem isso, claro que há. Mas também os há os brancos ou os chineses ou os pretos. Somos machistas no sentido em que o homem é que põe e dispõe. Nisso somos. Mas isso é na teoria porque na prática não é bem assim.

M.P.- Parece que há uma maneira dentro de casa e outra fora de casa.

R.- Não. Em alguns casos haverá, noutros que não. Portanto, dentro de 4 paredes, se for preciso a minha mulher dizer alguma coisa, ela diz. Se tiver razão, dou-lhe razão, se não tiver também lhe digo. Fora de casa, se ela tiver coisas para dizer, só para não me deixar comprometido, para eu não me sentir inferior aos outros, simplesmente não diz nada. Somos machistas só nesse sentido, porque noutro não é bem assim. Somos machistas porque na maior parte das vezes as decisões são tomadas pelos homens. As decisões mais importantes são tomadas pelos homens. Mas isto é como com os que não são ciganos, há 30 ou 40 anos atrás. Só que nós estamos um bocadinhos mais atrasados nesse aspecto.

M.P.- Ou fazem só diferente. Não é necessariamente um atraso, apenas diferente...

R.- O homem é o que dá a sustentação. Embora, muitas das vezes quem trás o dinheiro para casa seja a mulher, mas, basicamente, quem é o 1º da casa é o homem. Sem dúvida.

M.P.- Enquanto homem. E enquanto pai?

R.- É como outro qualquer. Na minha casa não é bem assim. Com os meus filhos, se eles dizem coisas diferentes das minhas eu aceito, mas em casas mais tradicionalistas, quando o pai diz que é, é e acabou.

M.P.- Sim.

R.- Isto vai mudar com o tempo. Também era assim, mesmo com famílias que não são ciganas, as que são muito tradicionalistas até horários marcam aos filhos para aparecer em casa, e que aquilo e o outro e tal. Portanto, isto, hoje em dia, o homem cabeça de família é o mesmo que era há 30 ou 40 anos atrás. Basicamente é o mesmo. Pequenas grandes diferenças mas é parecido. O cigano está mais fechado em copas mas isto não tem nada. É preciso é conhecê-los e mais nada. É como o leão, não é tão feroz como dizem. O leão é feroz mas não tanto como dizem. Nós temos as nossas particularidades, pois temos mas não somos assim tão diferentes. Há certas brincadeiras que podes ter, que aqueles que não são ciganos fazem, conforme há algumas brincadeiras que vocês não fazem nem a brincar mesmo. Portanto, é como tudo.

M.P.- Há mais alguma coisa que me queira contar?

R.- Penso que está tudo.

M.P.- Então resta-me agradecer.

R.- Não tem problema.

Entrevista Sara – 29 anos

Martinho Palha- Então, nos próximos minutos, gostava que, de uma forma completamente livre, da forma que preferir falar, me contasse sobre a sua família.

Sara- Sobre a minha família, por exemplo, sobre os meus pais, o meu pai já faleceu. No dia 4 de Outubro fez 19 anos de morto. Sobre, neste caso, sobre a minha mãe e os meus irmãos, somos todos unidos, que é mesmo assim. Tenho sete irmãos, comigo são sete irmãs, 4 meninas e 3 rapazes. Tenho uma filha. Tenho o meu companheiro, e vivemos todos bem, somos todos unidos... os meus tios, sou uma pessoa perto dos tios, dos avózes, das tias, porque é assim, é isso que eu lhe estava a dizer, não quer dizer que... ou seja, que há quarenta mil ciganos, maneira de dizer. Não quer dizer que temos que se conhecer todos e temos que se dar uns com os outros. Não! Eu por exemplo, eu tenho a minha família. Os meus avózes, os meus tios, os meus primos, a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos, as minhas irmãs. Está a entender? Isso já é uma família para mim.

M.P.- Sim.

S.- Mora aqui mais ciganos, não quer dizer que eu tenha que lidar com esses ciganos, não quer dizer que eu tenho que pagar por eles, não quer dizer... Está-me a entender?

M.P.- Sim, sim.

S.- É por isso. O que é que quer saber mais? É só mesmo você falar assim livremente, que eu respondo.

S.- Gostava de saber mais...deixe-me ver uma maneira de perguntar isto, gostava que me contasse a sua história, dos seus pais, dos seus irmãos. Gostava que me falasse da sua relação com eles. Como é que eles são, como é que era a sua relação com cada um. Quem é que foi mais importante para si e quem é que foi menos importante para si, e como...

S.- O meu pai, em tudo. Porque é assim, a tradição cigana, é assim... por exemplo, eu tenho uma filha, sou eu e o meu companheiro em casa, a pessoa que eu devo mais respeito naquela casa é o meu esposo. É isso. É como a casa da minha mãe, agora que

o meu pai faleceu, o respeito que eu devo mais na da minha mãe é o meu irmão mais velho... Na casa da minha mãe, ou seja, se acontecer algum problema, por exemplo, o meu irmão portou-se mal na escola... quem é o encarregado de educação não é a minha mãe, é o meu irmão. Porquê o meu irmão? O meu irmão já tem 33 anos e é o homem, e nós devemos ter muito respeito a um homem da casa. Nós devemos os deveres da casa, a mulher, o homem nunca faz. Se o homem tiver que trabalhar, ele vai, a mulher fica em casa para tratar dos filhos, fazer a comida, tratar do ambiente da casa... Se vir algum homem falar connosco... por exemplo, se for o senhor, a ir à minha casa, você já não... como hei-de dizer... posso falar consigo, não é? Mas falar consigo, tem que estar o meu esposo ao pé, está a entender? Você não pode entrar na minha casa e estar à vontade comigo, e não sei quê. Não! Tem que estar um homem em casa, para estar, ao caso, na conversa.

M.P- Sim.

S.- Porque a tradição cigana tem uma coisa bonita. Não faltar ao respeito ao marido... Não faltar com as regras de casa... Ter um bom comportamento para o marido, para os filhos, para educar os filhos. Não faltarem à escola, não serem malcriados para os maridos. E os maridos também connosco. Um marido também tem que ser exemplar para uma mulher e a mulher também tem que ser exemplar para um homem. Por isso é que eu acho bonito a tradição cigana, é, nós podemos se ajuntar com 16/17 anos, com um homem com 20 anos, mas nós já sabemos o que é que vai acontecer naquele período. Por exemplo, eu estou com o meu marido, eu não posso ter um namorado, eu não posso andar às mensagens com outro homem, eu não posso estar no telefone a falar com outro homem. Não! Isso já é uma falta de respeito muito grande para a família! Se acontecer algo disso na família, nós semos excluídos.

M.P.- Na família...

S.- Cigana! Os avóses, tios, tias, era isso que eu estava a dizer.

M.P.- Sim, sim.

S.- Nós somos logo, fora da família, está a entender? Já ninguém quer saber de nós. Então eu acho isso muito giro, muito bonito. Tem muito valor, para a família, para nós. Nesse caso, para mim. E é isso... Os irmãos são comportáveis, o meu irmão mais velho teve o 12º ano... Tenho outro irmão meu que tem 30 anos, que teve o... eu penso

que fez pouco, penso que tenha o 9º ano... Eu não, as mulheres já fazem menos. Porque é assim, eu, por exemplo, eu saí da escola com 14 anos porque quando o meu pai morreu a minha mãe pediu... eu tinha 5 irmãs nessa altura, 5 irmãos, então como eu era a mais velha, de meninas, os homens iam para a escola e a minha mãe tinha que meter cá em casa a tratar dos irmãos. Eu já não podia ir à escola. Eu tinha que alevantá-los, dar banho, vestir, dar o pequeno-almoço e metê-los no ATL que era neste caso no Vale de Forno. Eu, ou seja, eu tratei daquilo tudo. Quando a minha mãe andava no cemitério. Então tirei o 3º ano, foi o 3º ano que eu tirei. Aos 14 tive que sair de vez, da escola, para tratar dos meus irmãos. E eu acho... eu só lhe digo, eu sou cigana, gosto muito, tenho muito respeito... a minha filha agora... a minha filha... agora já está mais evoluída. A minha filha de certeza que vai seguir a escola toda.

M.P.- Hmm.

S.- A minha filha, pela minha vontade, vai seguir, 11º, 12º, até à frente, se Deus quiser. Já não é tão rigoroso, o que eu chamo. Por exemplo, há 20 anos atrás, as meninas tinham que andar, no máximo dos máximos, até aos 12 anos na escola, porque já tinham que ajudar na casa, nos deveres... os pais iam para as vendas, para os mercados. Elas com 10 anos já tinham que fazer os deveres de casa. Agora já não! Agora já seguem a escola, os pais já trabalham, já é diferente. E graças a Deus por isso mudar, que é mesmo assim, graças a Deus! Tenho um irmão com 16 anos que ainda anda na escola.

M.P.- Ainda anda na escola?

S.- Ainda anda na escola. Acho bem, acho bem! Também tenho uma sobrinha com 14 anos que ainda anda na escola. Também tenho uma com 10 que ainda continua, graças a Deus que anda na escola, e por aí adiante

M.P.- Achei interessante isso que está a dizer, que não é um dado adquirido andar a escola. Para nós é um dado adquirido andar na escola, e senti-a com muito orgulho a dizer que tem 14 anos e ainda anda na escola...

S. – Como é que hei-de explicar... Vocês a olharem para nós, “Ah, e um miúdo de 14 anos já não anda na escola, já tiraram a gaiata não sei quê da escola”. Vocês já vêm isso... como é que há-de explicar... já não ficam contentes por isso, da menina cigana com 10 anos sair da escola. Não acham isso bem! E para nós não.

Antigamente, estou a falar antigamente. Antigamente, se nós saíamos da escola com 10 anos, era um valor que os nossos pais nos estavam a dar, entregar a casa à menina com 10 anos.

M.P. Isso é uma coisa que não é sabida. Pensa-se que saem da escola só porque sim, apesar de não ser isso.

S.- É um valor. O meu orgulho foi de sair. Neste caso, o meu pai faleceu quando eu tinha 10 anos. Depois ainda andei mais três anos na escola. Tinha para aí 14 anos, nem tanto. O meu orgulho foi aí. A minha mãe deu-me a responsabilidade de tratar de uma casa tão grande e dos meus irmãos, e consegui. Tratei dos meus irmãos todos pequeninos, os meus irmãos mais velhos andavam na escola. Eu tratei daqueles pequeninos todos. Eu vestia, dava banho, eu punha-os na escola, ia buscá-los à escola. É um orgulho para mim, por a minha mãe entregar a casa a mim, está a entender? Agora já não, agora é diferente. E acho bem, mas prontos... acho bem de seguirem a escola, de terem um trabalho, das mães ajudarem os filhos, dos pais ajudarem os filhos. Porque é assim, há 20 anos atrás outra coisa aconteceu. É mesmo assim. Eram outros tempos, completamente diferente, eram outros tempos. Há 20 anos atrás, se o meu pai estivesse em casa e a minha mãe, se fosse à loja sozinha, já era contra a vontade do meu pai. Porque a mulher não vai sozinha a uma loja. Tem que ir o marido acompanhar a mulher. Agora já não! Agora o meu marido está em casa e eu já posso ir para onde eu quiser sozinha. Está a entender? Já é diferente. Porque aquele, há 20 anos atrás a tradição era diferente. Era dos avóses, era dos visavóses, está a entender? Agora é mais jovem e querem evoluir, cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais, e acho bem. Pode ser que daqui a 10 anos a minha filha já não tenha este pensamento que eu tenho agora... Olha, tenho uma cunhada minha, isto é... eu acho isto muito giro. O meu irmão é cigano, certo?

M.P- Sim.

S.- A minha cunhada não é cigana, é da sua raça. Ela tem 26, está com o meu irmão desde os 14 anos de idade. Já tem 4 filhos e a filha dela mais velha tem 13 anos... Tenho uma prima minha... ainda vai ser mais... a Glória sabe que é verdade. Tenho uma prima minha que estava casada com uma pessoa de cor... Prima direita, que é mesmo da família, isso já considero mesmo da família, que estava casada com um cigano de cor. Não sei se você já viu, deu na televisão que ele foi baleado. Foi morto.

Faleceu há coisa de uns 6/7 meses. Deu no telejornal isso. Ele era de cor. Foi baleado. Mas não para ele. Ele estava lá e quem foi ferido foi ele. Estava no café, começou tau tau tau, houve umas discussões, não sei se sabe como é que é as pessoas de cor, também são muito agressivas! Não era para ele mas quem foi atingido foi ele. E ela neste momento está sozinha. Se eu tiver que casar com um homem branco, nesta época, agora, se fosse há 20 anos atrás não eram aceitáveis. Está a compreender? Era um... não eram aceitáveis, era logo excluídos da família. Agora fazes como tu quiseres, é como se fosse uma pessoa mundana. Sabes o que é que quer dizer uma pessoa mundana?

M.P- Sim.

S.- Pronto. Agora não. Eu se quiser casar com uma pessoa branca, eu posso casar com uma pessoa branca agora. E já não é... já não é tão doloroso para a família. Já aceitam o homem, se o homem der conta da mulher, se for educado para a família, se respeitar a mulher, e a mulher também ao homem, em primeiro na raça cigana está o homem. O homem tem que estar em primeira mão. Depois vem a mulher. Não, mentira. Primeiro o homem, depois os filhos e no fim a mulher. Porque os filhos está primeiro. Os filhos é... a minha filha, por exemplo, a minha filha é tudo na vida para mim. A minha filha e o meu marido. Depois é que estou eu. Eu acho isso bonito. Você não tem um pai a tratar mal um filho, você não vê um cigano... nunca viu um cigano a violar um filho. Você nunca viu um cigano a esfaquear um filho. Você nunca ouviu um cigano a dizer, “Vou matar o meu filho, vou esfaqueá-lo, vou enforcá-lo, vou lhe dar maus tratos”, você nunca... nunca passou isso na televisão. E é muito lindo! Acho muito bonito isso. Primeiro lugar os filhos e o marido e depois a mulher... Porque a mulher também tem que ser bem tratada. Se a mulher não for bem tratada, a família aí mete-se. Por exemplo, eu estou casada com o meu esposo. O meu esposo é de uma família e eu sou doutra. Está a entender? Se ele não me tratar bem, a minha família tira-o. Já não faz parte da minha vida. E eu acho isso bem. Não estamos cá para ser escravos de ninguém! Respeitar o homem, sim senhora. Fazer os deveres de casa, acho bem. Mas o homem também trabalha. O homem sai de manhã e trabalha para a mulher, mas a mulher faz os deveres de casa e faz os deveres dos filhos. Porque antigamente a mulher era escrava do homem. Agora já não é assim. Agora o homem trabalha para a mulher e a mulher trabalha para casa. Tomar conta dos filhos e faz os deveres de casa. E acho muito bem! Não sei se você gostou de ouvir esta conversa...

M.P.- Sim! Algumas coisas que eu ainda... acho que o que fica desta conversa, pelo menos até agora, é que, de facto, o homem é muito importante.

S.- É.

M.P.- Que eu ainda não percebi muito bem, porque não é a minha realidade. Em que há uma clara entre o homem e a mulher, entre o pai e a mãe. Gostava de perceber, no seu caso, como é que isso se mostrou em casa. Qual é que foi o papel do seu pai, qual é que foi papel da sua mãe na sua educação.

S.- Por exemplo, o meu pai... fazia tudo por nós. Tudo o que estivesse ao alcance dele ele fazia. Se ele tivesse que ser, como é que há-de explicar... ou seja, ele dava a vida pelos filhos. Está a entender? O meu pai, ele fazia os deveres que tinha que fazer. Por exemplo, era isso que eu lhe estava a dizer. O meu pai andava... era vendedor ambulante, andava na venda. A minha mãe ficava em casa a cuidar dos filhos, levava os filhos para a escola. O pai, com tudo isso, o pai ficava na venda, a arranjar dinheiro para a comida, para pôr comida em casa, que é mesmo assim. A mãe punha os filhos na escola, ao longo desses anos, até o pai falecer. Depois, como eu disse, o meu pai faleceu. Fiquei eu, que era a mais velha, fiquei eu a tratar disso tudo e a conversa é sempre a mesma. O pai trabalhava fora, para arranjar dinheiro para a comida porque é assim, porque vão... se eu for agora, neste momento, arranjar um trabalho, não me dão. Primeira, não tenho escolar. Segunda, porque... ser cigana. Você sabe que o ser cigano é encarado em todo o lado. Não à direito. Semos todos iguais. Vivemos todos no mesmo mundo. Não é? Porquê rejeitar tanto a tradição cigana? Não sei explicar. Eu gostava de ter um dia um debate, a sério, um debate com um senhor grande. Não eu, uma pessoa que saiba mais a tradição cigana. Que saiba muito, muito, muito, muito mais. Eu tenho uma tia minha, você vê-la a falar é que... é totalmente uma juíza. Ela sabe de tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. Ela tem muito paleio. Ela sabe muito, ao caso, da tradição cigana. E então, quando ela está no continente, numa loja do cidadão, num fundo de desemprego, ela, assim que é chamada... a dizer, cigana aqui, cigana aqui, ela fala, fala, fala e ninguém lhe apanha. Por isso é que eu gostava que a minha tia fosse à televisão e soubesse explicar o porquê de ter medo da tradição cigana, o porquê que os ciganos não têm... não têm tanto direito como os brancos, como os de cor. Porque é isto! Eu gostava que alguém pudesse falar sobre os ciganos. Para os ciganos terem mais... para os ciganos ficarem mais evoluídos. Está a entender? Para

não terem tanta, tanta agressividade com os ciganos, tanta... prontos é isso, às vezes revolta-me essas coisas. Ser cigano não tenho direito como os outros. Não pode ser.

M.P.- Pois, e eu estou a tentar perceber isso..

S.- O meu irmão mais velho, que é possível ele vir amanhã, tem 33 anos. Ele, ou seja, ele tem mais conhecimento do que eu. Que é mais velho, está a entender? Mais velho, então tem mais conhecimento. Teve mais tempo com o meu pai, teve mais tempo com a minha mãe, está ali, por falar na minha mãe (aponta para a porta, onde estava a mãe a espreitar). É diferente, está a entender? É assim, porque agora esta época está muito evoluída, graças a Deus está evoluída. E é isto. Se quiser saber mais alguma coisa é só falar.

M.P.- Contou-me coisas que me interessaram muito, sobre a tradição, que eu ainda não consegui perceber exactamente como é que é a tradição cigana.

S.- Há conversas de ciganos, há conversas que nós temos que não têm muita importância para vocês. Para nós vale muito.

M.P.- Por exemplo?

S.- Por exemplo, esta conversa que eu tenho, aii... para um branco, quando eu chegar lá fora vou-te matar! Isto para vocês é muito valioso, ou seja, não é muito valioso, é muito agressivo. Ai, vão-me matar, não sei quê. Para nós não quer dizer nada, é isso. Chegam lá fora vou-te matar. Isso é uma maneira de nós de soltar, está a entender? E para vós já não, para vós já é uma conversa muito... Ai, vai-me matar e depois é cigano e não sei quê e não sei quê mais. Eu tive um caso com o meu irmão, tinha 14 anos na altura, estava na escola, tinha calor e abriu a janela. O professor disse assim, “Carlos Alberto, ou você fecha a janela ou mete-se na rua!”. E o meu irmão disse assim para ele, “ Quando chegares lá fora vou-te matar!”. Ele pôs um processo contra o meu irmão. Lá está, essas... para mim não tem valor, isso não quer dizer nada, vou-te matar. Para eles, para vocês já tem muito significado, não sei, essas pequenas conversas. Essa conversa para mim não quer dizer nada, está a entender? é só uma expressão. Quando chegar lá fora vou-te matar, vou-te fazer aquilo, vou-te fazer isto. Daqui a um bocado já não se faz nada. E aconteceu com o meu irmão, levou com um processo. Lá está, o meu irmão mais velho tinha que explicar isso a um juiz. Tinha que explicar o porquê isso da nossa tradição. O juiz apanhou como verdade, o Carlos

seguiu a sua vidinha e o professor seguiu a dele. Tivemos que explicar ao juiz o porquê essa conversa para o branco. Vou-te chegar lá fora, vou-te matar.

M.P.- Isso é muito interessante...

S.- Prontos. Isso para mim não quer dizer nada. Eu muitas vezes bato à minha filha, vou-lhe dizer, eu vou-te matar, eu vou-te arrebentar porque tu faltaste ao respeito ao professor e não fizeste os deveres de casa! Eu vou-te matar! Mas a minha filha já sabe o que eu estou a dizer para ela, está a entender? Eu vou-te arrebentar, eu vou-te matar, para mim já não quer dizer nada isso. É uma expressão de nervos, está a sair. Está a entender? Estou nervosa e ao dizer isso, parece que fico mais calma, não sei.

M.P.- Percebo isso perfeitamente e faz muito sentido.

S.- É isso que nós queremos dar a conhecer, a tradição cigana, para termos mais valor. Mais oportunidades.

M.P.- Mas aí vê-se uma grande separação para os brancos, eu não sei como é que prefere...

S.- Da sua raça? Brancos. Eu além de ser branca, também (risos)... mas prontos, é assim. Ou senhores. Para vocês um senhor é um senhor grande, não é? Para nós não. Você para mim é um senhor. Um senhor, o que quer dizer um senhor? Um senhor quer dizer que não é cigano. Eu para vocês sou cigana. Mesmo que vocês digam assim, aquela linda cigana, ou aquela... mas é cigana! E já sei o que é um cigano. Agora, um senhor, um senhor quer dizer você. Não é cigano.

M.P.- Da separação que parece existir que tem que ver um maneiras diferentes de comunicar..

S.- É. Se ouvir um cigano a dizer, “Vou-te matar!”, esteja na boa. Agora, se ele estiver com uma faca na mão, fuja! (risos) Outra coisa que os ciganos ficam revoltados, eu tenho a minha filha, não é? Se você tratar mal a minha filha, eu sou capaz de matá-lo. Se você violar a minha filha. É maneira para eu explicar o porquê. Os ciganos revoltam-se. Se você matar uma filha minha, se você violar uma filha minha, se você bater em alguma filha, isso sim. Isso o cigano faz tudo por tudo para você pagar. Se não pagar, paga a sua família. O cigano vingá-se na pessoa que faz mal a um filho ou a um primo ou a uma tia. Por isso é que nós temos tanta humildade com

os filhos. Não venham fazer mal ao meu filho que eu viro bicho! O cigano tem muito... ou seja, guarda muito os filhos. Se algum for a mim fazer mal a um filho, está tudo estragado. Isso, o cigano vira bicho. Porque é o que é nosso, é um bocado que está... que vem de nós. É mesmo assim. Eu faço tudo por tudo pela minha filha. Não sei, é assim, e continuamos assim e vamos ser assim para o resto da vida.

M.P.- Como mãe, faz tudo pelos seus filhos, como a sua mãe também terá feito.

S.- E fez. O meu pai morreu há 19 anos. A minha mãe não conhece um homem sem ser o meu pai. A minha mãe nunca mais, há 19 anos, nunca mais teve um homem. Nunca mais teve contacto com um homem, nunca mais namorou com um homem, nunca mais casou com um homem, nunca mais se juntou com um homem. Há 19 anos! É o respeito que tem pelos filhos e pelo marido. A minha mãe ficou viúva com 29 anos, já tem 50. Veja lá se não é bonito isto? Eu acho bonito! Sermos honrados para os nossos maridos. Não sermos mundanas. Termos respeito aos nossos maridos e aos nossos filhos. Se a minha mãe casasse com outro homem, ela não era bem-vinda a casa, ela era logo fora da família. Para nós já não era nada. Não era mãe, não era cigana, não era nada. Está a entender? É isso. Por isso é que eu gosto da tradição cigana. Somos rectos, somos fieis uns aos outros. Somos honestos, somos fieis a aquilo que é nosso, que ninguém faça mal aos nossos filhos, que... por isso é que às vezes o cigano revolta-se com o branco. Porque o cigano não tem oportunidade nenhuma e os brancos têm. Os brancos e qualquer outro que não seja cigano. Nós gostávamos de ser tratados como todos, iguais. Não verem um cigano e esconderem-se à procura do cigano. Ali! Ah, e não sei quê! Não, não acho isso correcto. Por isso é que às vezes o cigano revolta-se mais, por causa dessas coisas.

M.P.- Ficou-me uma frase que disse, que, desde que o seu pai morreu, a sua mãe não esteve com mais nenhum homem, por respeito ao marido...

S.- Ficou grávida, foi quando o meu pai morreu, ficou grávida da minha irmã mais nova, tinha 5 meses de barriga. E com 6 filhos. Desde aí, a minha mãe trabalhou sempre para nós. Ou seja, a minha mãe ia à venda, eu, que eu era a mais velha e não estava cá o pai, os meus irmãos iam à escola, que eram os mais velhos, mas como eu era a menina, a mulher, eu tive que ficar a tratar de tudo. Se eu agora sei tratar de uma casa, tratar do marido, tratar de uma filha, a alguém o devo. À minha mãe e ao meu pai, que me ensinaram a ser assim. Além de não ter a escolaridade toda, está a

entender? Eu também acho uma pena, pronto! Perdi muitos anos de escolaridade, gostava... agora estou a ver se consigo recuperar. Mas ao mesmo tempo estou muito orgulhosa de aprender aquilo que aprendi, que eu sei hoje. Ninguém devia vir de fora e dizer, “isto está mal, isto está mal, isto está mal.” Não. Tudo o que eu faço até agora em casa, fora de casa, com o marido, com os irmãos, com os tios, com os pais, sei fazer tudo em condições. E a alguém o devo. Ao pai e à mãe. Por isso é nós temos muito orgulho do pai e da mãe. Por isso é que dizemos que em primeiro lugar está o homem. Porque o homem ensina muito bem as mulheres. Ou seja, se eu... do meu dever, para eu ir pela esquerda, eu sei, eu penso que vou bem mas se o homem tiver e disser assim, “Não, vais pela direita, é pela direita que tens que ir.”, eu tenho que seguir o que ele está a dizer, não quero que eu estou a pensar. Porque ao fim ao cabo, quando chegar lá à frente, eu vou dar razão a ele. Sim senhora, ele mandou-me por aqui porque era por aqui que eu tinha que ir, e não por ali. É mais um valor que é acrescentado da nossa, do nosso crescimento, pronto! Está a entender? Esse valor que... que eu chamo um valor, precioso, que ele me deu, ensinou-me o caminho por onde eu devia de ir, esse caminho eu vou, daqui a uns anos, esse caminho vou ensiná-lo à minha filha. O pai da minha filha vai ter que ensinar a ela, “Filha, é assim, assim, assim” e tem que fazer caso do pai porque o pai quer o bem da filha e não o mal.

M.P.- E é o pai que ensina a filha e o filho?

S.- Ou seja, o pai, eu vou-lhe explicar, o pai é mais para o lado do homem, para o lado das meninas também é, mas aí já está a mãe. O pai... porque é assim, o pai tem que valorizar muito o homem, mais o homem do que a menina, e a mãe tem que valorizar a menina, mais ao homem, está a entender o que eu lhe estou a dizer? Porque é assim, eu casei, certo? Eu juntei-me com um homem e eu tive que sair da casa da minha mãe e ir para casa dos meus sogros. O meu irmão casou e teve que ficar na casa do meu pai. Lá está, está a entender? Se o meu pai tiver um carro, se tiver que dar ao pai ou à filha, se tiver que dar à filha ou à... ao irmão, ao filho neste caso, não dá à filha, deixa a filha de parte e dá ao homem. O homem está sempre na primeira mão. Em certas coisas. Em certos casos. Por exemplo, na escola. O filho segue a escola e a menina já não tem que seguir. Chega a uma certa altura e a menina tem que sair. Tem que fazer os deveres de casa. Estou a falar acerca de há 10/15 anos atrás. Agora é tudo igual. O filho segue e a menina se quiser também segue. E acho bem.

M.P.- Foi-me dizendo que o homem está em primeiro lugar, arrisco que não é fácil responder a isto, mas esta pergunta surgiu-me. Porque é que o homem está em primeiro lugar?

S.- Porque é homem. Porque é que o homem está sempre em primeira mão? Porque assim foi sempre o dito. Já há muitos anos. Se na altura, quem inventou, quem traidou a tradição cigana, se fosse uma mulher, era a mulher. Mas como já vem... eu não sei responder a essa pergunta. Quem saberá há-de ser o meu bisavô ou a minha bisavó. Neste caso não estão cá. Mas quem pode responder a essa pergunta, o meu avô. Tem 90 anos. Ele pode não estar muito bem dos neurónios mas aquilo funciona. O porquê de o homem ser o mais valorizado dentro da raça cigana. Porque é homem. Não sei responder mais. O homem nasce para ser respeitado. A mulher também, a mulher também, a mulher também. Aqui não há escravos de ninguém. Mas é assim, se eu devo... se eu devo, eu devo-o ao meu marido, a mais ninguém. Nesse caso está os meus irmãos e a minha mãe e está o meu marido. Se eu não tivesse marido, era o meu irmão mais velho. Mas como está o meu marido, ao meu marido eu o devo. Uma satisfação, “Olha, tenho que ir à loja”, eu não tenho que dizer ao meu irmão que eu tenho que ir à loja, que eu tenho que ir buscar a menina à escola, é a ele (marido) que eu tenho que dizer, “Olha eu vou ali à escola e vou buscar a miúda”. É a ele que eu tenho que dizer, não é ao meu irmão. Mas nesse caso, se não estivesse o meu marido, eu tinha que dizer ao meu irmão, “olha irmão, vou à loja, vou buscar a menina, vou não sei quê.”. Lá está, é homem. Por exemplo, uma zaragata, não sou eu que vou resolver os problemas, é o homem. O homem sai e vai resolver os problemas, não a mulher, a mulher fica em casa. É isso o que eu chamo, não sei o porquê, mas é o homem. Agora também lhe digo uma coisa, se ele me tratar mal, se me fizer escrava, era como eu estava a dizer ao senhor, isso ele vai logo para casa dos pais. Agora, se me tratar bem, a mim e à minha filha, porque eu tenho os deveres de casa, é mesmo assim. Eu trato-o bem, agora se ele me tratar mal, eu trato-o mal e ele já não me vê mais para o resto da vida. Mas não é caso, graças a Deus. Se precisar de saber mais alguma coisa diga.

M.P.- Assim que fiz a pergunta percebi logo que não fosse fácil de responder, mas de facto fiquei curioso, porque não sabia, porque é novo para mim...

S.- Por exemplo, eu e o meu marido. Eu gostava de ter a carta de condução. Eu tinha a carta de condução para quê se o meu marido já a tivesse? Neste caso, se houvesse alguma hipótese, quem tinha que tirar era o meu marido e não eu. Não discutíamos nem nada. Está a entender o que eu estou a dizer? Se houvesse uma hipótese para tirar a carta de condução, que antigamente nem se tocava sequer, a mulher não tinha o mesmo direito à carta de condução, na tradição cigana. Agora já não, já podemos tirar. Mas se houvesse uma hipótese eu dava ao meu marido e deixava-o tirar a carta... Ou seja, em primeiro lugar está o homem, depois os filhos, depois a mulher. Mas a mulher tem que ser bem tratada. Se vir você com umas conversas, eu não vou estar com você a falar, digo, “espere que já vem o meu marido para falar consigo”. E é assim. Neste caso não, porque eu estou a explicar como é que é a tradição cigana.. Se for para pedir como é que se vai assim, assim, assim, isso sim. Agora, se vier para falar comigo porque simpatizou comigo ou por qualquer coisa, não. Não posso, porque a alguém o devo. Lá está, eu devo ao marido. Porque se o marido saber que eu estou fora com um branco a falar coisas, não posso. Falto ao respeito ao marido e é uma vergonha para a família. Porque eles iam interpretar mal e já iam dizer que eu estava-me a portar mal. Você sabe o que quer dizer portar mal. Já estava, ou seja, estava a arranjar namoro, pronto, com um branco, está a entender? Isso já era muito mau para a família. E é isto.

M.P.- Certo. Por mim, acho que já não tenho muitas dúvidas que queira pôr. Se quiser acrescentar mais alguma coisa...

S.- Não, acho que está tudo.

M.P.- Então resta-me agradecer pelo tempo, não lhe querendo tirar mais.

S.- De nada.